

# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Fevereiro/2018 – Nº 57



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

**CEPA**

Centro de Socioeconomia  
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO  
DE SANTA  
CATARINA**

Secretaria da Agricultura  
e da Pesca



**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Reny Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Haroldo Tavares Elias

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis

2018

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5000  
Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)  
E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078  
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>  
E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa  
Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI  
João Rogério Alves – Epagri/Cepa  
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa  
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa  
Luís Augusto Araujo – Epagri/Cepa  
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa  
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)  
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa  
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)  
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)  
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)  
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa  
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)  
Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa  
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa  
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC  
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)  
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa  
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)  
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**

Presidente da Epagri

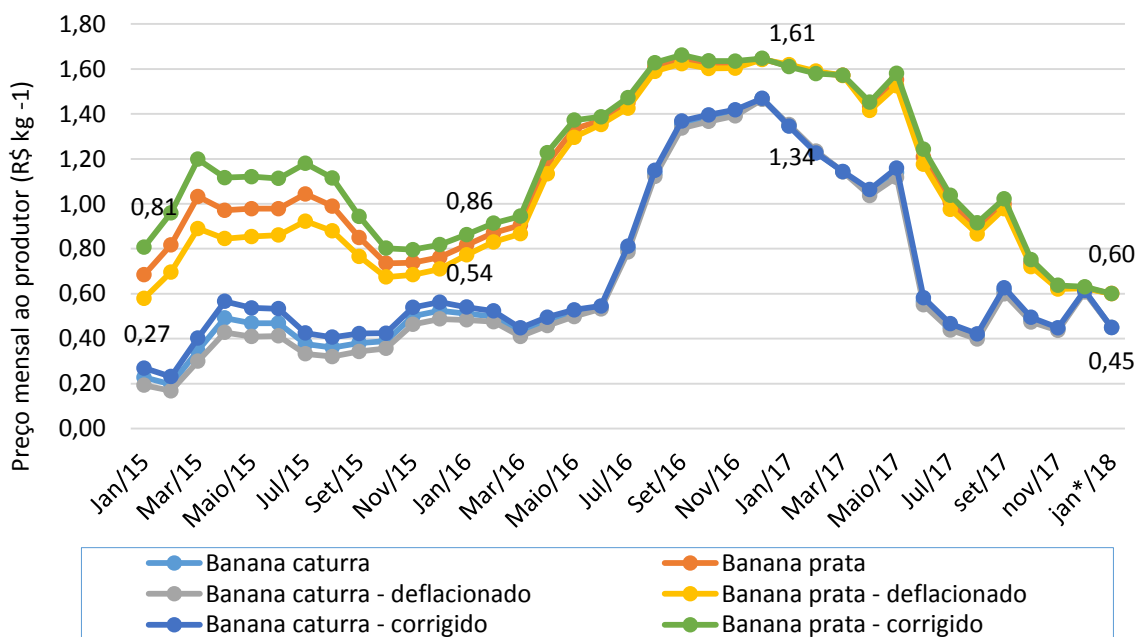
## Sumário

<b>Fruticultura</b> .....	7
Banana .....	7
<b>Grãos</b> .....	11
Arroz .....	11
Feijão .....	14
Milho.....	16
Soja .....	19
<b>Hortaliças</b> .....	22
Alho.....	22
Cebola.....	25
<b>Pecuária</b> .....	28
Avicultura.....	28
Bovinocultura .....	32
Suinocultura.....	35
Leite .....	41

## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)



Fonte: Epagri/Cepa.

Nota: preços deflacionados (IGP-DI/FGV – janeiro/17=100); (\*) dados estimados.

#### Banana – Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan./2015-2018

Em dezembro de 2017 a cotação da banana-caturra valorizou 39,1% em relação ao mês anterior, com aumento na demanda da variedade. Mas, ao longo de 2017, a alta oferta da fruta nos bananais manteve as cotações desvalorizadas em relação ao ano anterior. No acumulado de 12 meses, as cotações da banana-caturra estavam 58% abaixo dos valores de dezembro de 2016, ano em que a baixa oferta e qualidade elevou os preços da fruta. No entanto, ao comparar 2015 e 2017, os preços de dezembro foram 24,5% superiores. Em janeiro de 2018, com tratamentos culturais e o controle de doenças nos bananais, a expectativa é de aumento nas exportações ao Mercosul para escoar os estoques e recuperar os preços, ainda baixos, até o início do segundo trimestre do ano corrente.

Entre janeiro e dezembro de 2017 o preço mensal deflacionado da banana-prata manteve retração, com redução de 61,5% no período. No acumulado de 12 meses, os preços estavam desvalorizados em 62%, devido ao aumento relativo na oferta. No comparativo entre 2015 e 2017, os preços de dezembro da banana-prata estavam apenas 12% desvalorizados. A expectativa é que a oferta se mantenha alta, mas a qualidade da fruta e o aumento da demanda, com o início do ano letivo, pressionem os preços com recuperação nas cotações da variedade.

**Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg<sup>-1</sup>) nas principais praças de Santa Catarina – 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Novembro	Dezembro	
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	0,39	0,62	<b>57,6</b>
Prata	0,45	0,48	<b>5,3</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	0,54	0,60	<b>12,6</b>
Prata	0,80	0,78	<b>-2,5</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, nos dois últimos meses de 2017 houve valorização dos preços com a redução da oferta, devido a diminuição do corte de cachos nos bananais. Mas, em janeiro de 2018 o aumento na maturação das frutas estocadas e tempestades provocaram perdas para o setor. A expectativa é de recuperação nas cotações com redução do volume colhido. No Sul Catarinense, a oferta permanece alta, o que pressiona a desvalorização dos preços da banana-prata. Com o aumento da umidade, são intensificados os tratamentos culturais e de controle de pragas e doenças nos bananais.

**Banana – Preço médio no atacado (R\$.kg<sup>-1</sup>) nas principais praças de Santa Catarina – 2017**

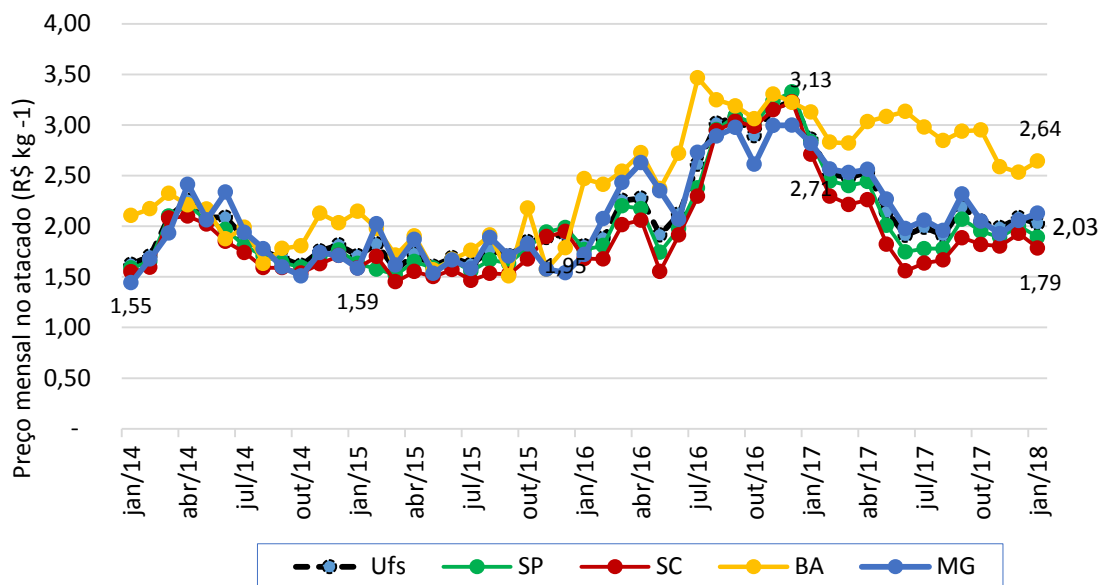
Praça	Mês		Variação (%)
	Novembro	Dezembro	
<b>Florianópolis (Ceasa)</b>			
Caturra	1,19	1,31	<b>10,0</b>
Prata	1,43	1,26	<b>-11,7</b>
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	1,24	1,33	<b>7,7</b>
Prata	1,32	1,52	<b>15,3</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	1,11	1,17	<b>6,1</b>
Prata	1,42	1,40	<b>-1,4</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No atacado, com a diminuição do volume comercializado nos entrepostos, houve um aumento da demanda relativa, o que provocou a valorização nas cotações da banana-caturra. Já a banana-prata tem suas cotações desvalorizadas no Sul e na Ceasas-SC, devido ao aumento na oferta da variedade e diminuição na qualidade da banana comercializada, como baixo calibre e endurecimento da polpa, causados pelo aumento da umidade e do frio durante o desenvolvimento da fruta.





Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

**Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UF's e principais Estados – jan. 2014- 2018**

O volume total comercializado na Ceagesp em 2017, , foi 6,57% maior que o comercializado em 2016, com 4.197 toneladas da fruta a mais que no ano anterior. No mesmo período, a oferta da banana catarinense aumentou 12,25% em relação a 2016, representando 6,2% do volume total comercializado, ou seja, 11% do acréscimo da quantidade negociada na central paulistana. A expectativa é de redução nos preços para escoar os estoques atacadistas, com recuperação a partir de março de 2018.

**Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg<sup>-1</sup>)\* nas principais praças do Brasil – 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Novembro	Dezembro	
<b>Bom Jesus da Lapa (BA)</b>			
Nanica	1,01	0,96	-4,7
Prata	0,84	0,81	-3,0
<b>Norte de Minas Gerais (MG)</b>			
Nanica	1,00	0,97	-3,0
Prata	0,65	0,80	23,1
<b>Vale do Ribeira (SP)</b>			
Nanica	1,05	1,01	-4,0
Prata	0,91	0,88	-2,8
<b>Vale do São Francisco (BA e PE)</b>			
Nanica	...	...	...
Prata	0,63	0,61	-2,0

(\*) Preço médio mensal em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas principais regiões produtoras do Nordeste brasileiro, a oferta está alta e a demanda baixa, determinando a desvalorização dos preços, com recuperação prevista apenas para final de fevereiro de 2018, como decorrência do aumento nos níveis dos reservatórios de água para irrigação. Em São Paulo e Santa Catarina o preço ao produtor tende a aumentar entre novembro e dezembro e diminuir no final do primeiro trimestre do ano seguinte. Nas regiões produtoras do Sudeste e Nordeste há expectativa de redução nas cotações da banana-nanica no primeiro trimestre de 2018 e breve recuperação nos preços da banana-prata, mas, com tendência à desvalorização em fevereiro, devido ao aumento na oferta relativa da fruta.

**Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 e 2017 em relação à estimativa da safra 2018**

Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra 2016			Estimativa safra – 2017			Estimativa safra – 2018			Variação estimativa 2018/safra 2017(%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	151.828	35.699	4.254	151.752	35.673	0,0	-0,0	-0,1
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.875	122.783	31.686	-1,2	-0,1	1,2
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.715	354.238	27.859	12.714	353.378	27.794	-0,0	-0,2	-0,2
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.092	51.329	10.080	5.084	50.396	9.913	-0,2	-1,8	-1,7
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	21.870	15.848	1.339	21.232	15.856	-3,0	-2,9	0,1
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	71	673	9.481	-2,7	-3,0	-0,3
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.038	22.191	21.378	0,1	-1,6	-1,7
<b>Total</b>	<b>28.487</b>	<b>735.323</b>	<b>25.813</b>	<b>28.474</b>	<b>725.357</b>	<b>25.474</b>	<b>28.375</b>	<b>722.404</b>	<b>25.459</b>	<b>-0,3</b>	<b>-0,4</b>	<b>-0,1</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

## Grãos

### Arroz

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

#### Preços baixos, estagnação no consumo e excesso de oferta provocam crise no setor arrozeiro

Nossos levantamentos apontam que cerca de 12% da área destinada ao plantio de arroz irrigado no estado já foi colhida. Na região do Litoral Norte Catarinense, as microrregiões mais adiantadas na colheita são Blumenau (42%), Itajaí (41%) e Joinville (55%). Na região Sul, que compreende as microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, a colheita já iniciou e deve se intensificar nas próximas semanas. Na Região do Alto Vale, composta pelas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga, cerca de 95% da área cultivada encontra-se em fase de floração. Até o momento, as estimativas de produção e rendimento vem confirmando nossa estimativa inicial de que esta safra não será tão abundante quanto a safra passada. Em relação à área destinada para a cultura, não foram observadas alterações significativas em comparação à safra passada.

Em Santa Catarina, segundo dados do site Agrolink, o preço mais comum para a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 37,66 no mês de dezembro, para R\$ 36,91 no mês de janeiro, redução de cerca de 2,0%. No acumulado de 12 meses, em termos nominais, as perdas chegam a 21,98%. Em janeiro de 2017 o preço médio pago ao produtor pela saca de arroz estava cotado em R\$ 47,31. No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional de arroz, a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 36,55 para R\$ 36,63, um pequeno acréscimo de 0,22% no mês. Há um ano, a mesma saca estava cotada a um preço médio de R\$ 48,86, redução de 25,03% em 12 meses. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializam arroz em casca em sacas de 60kg, o mercado registrou queda no preço pago aos produtores de Tocantins em cerca de 1,0%, e redução no preço médio para os produtores do Mato Grosso em cerca de 2,0%. Analisando uma série maior de meses, podemos observar que, em comparação a janeiro de 2017, as perdas acumuladas nos últimos 12 meses chega a 33,87% para o Mato Grosso e 20,03% para o Tocantins.

**Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca**

Estado	Dez./2017	Jan./2018	Variação (%)	Jan./2017	Variação (%)
Santa Catarina	37,66	36,91	-1,99	47,31	-21,98
Rio Grande do Sul	36,55	36,63	0,22	48,86	-25,03
Mato Grosso	40,71	40,34	-0,91	61,00	-33,87
Tocantins	53,76	52,78	-1,82	66,00	-20,03

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca sc 50kg, MT e TO = arroz sequeiro sc 60kg.

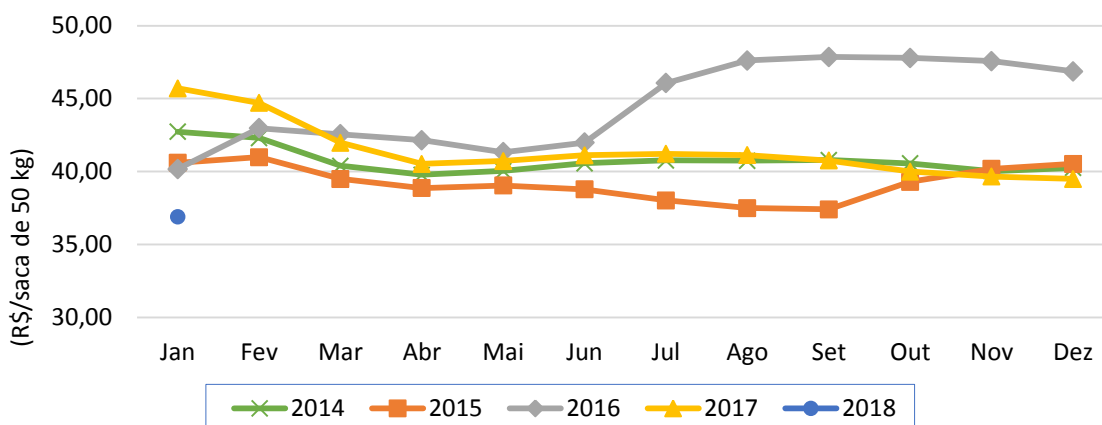
Fonte: Agrolink.

Com relação aos preços pagos aos produtores em Santa Catarina, em 2016 o preço médio da saca pago aos produtores ficou em cerca de R\$ 44,00; já em 2017 esse valor ficou em R\$ 41,42, variação de -5,86%. Para esta safra, a expectativa é de que teríamos uma pequena redução nos custos de produção de arroz, contudo isso não se confirmou. O aumento nos preços dos combustíveis e da energia elétrica, insumos largamente utilizados na cultura do arroz irrigado, acabaram por deixar os custos de produção praticamente idênticos aos praticados um ano atrás.

Ao deflacionarmos os preços da saca do arroz em casca pelo índice IGP-DI, verificamos que os preços chegaram neste mês em seu patamar mais baixo da série analisada. No gráfico abaixo fica claro que, no período de janeiro de 2014 a janeiro de 2018, não foi observado nenhum valor tão baixo com o de agora, bem diferente do que ocorreu em 2016 (safra 2015/16).

Em relação aos custos de produção, para uma produtividade média de 142 sacas/ha, em novembro de

2017 o custo por saca estava em R\$ 50,96, sendo que naquele mês a saca do arroz em casca foi cotada a R\$ 48,60, resultado para o produtor uma margem negativa de R\$ -336,24. Para a mesma produtividade de 142 sacas/ha, em novembro de 2017 o custo por saca de arroz em casca foi de R\$ 49,04, sendo que a cotação da saca de arroz em casca ficou em R\$ 39,17, onde o produtor teve que amargar uma receita negativa de R\$ -1.401,54. Esses números demonstram que o produtor vem a muito tempo contabilizando prejuízos safra após safra. Mais do que nunca o setor deve estar unido para buscar soluções viáveis para equacionar essa situação insustentável, que está inviabilizando a permanência na atividade de inúmeras famílias de rizicultores em todo estado.



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Arroz irrigado – Evolução do preço ao longo dos meses – Santa Catarina (2014 – 2018)**

Com preços em declínio, sobretudo neste início de ano, produtores e entidades ligados ao setor estão preocupados com a situação dos produtores de arroz. Nesta primeira semana de fevereiro, o preço médio em Santa Catarina caiu ainda mais, ficando em R\$ 32,03, configurando, segundo lideranças do setor arroseiro, uma das piores crises do setor nos últimos anos. Os fatores fundamentais que norteiam o atual quadro de crise está relacionado ao excesso de oferta, a estagnação do consumo, aos preços que não cobrem custos de produção, preço mínimo abaixo dos custos, endividamento de produtores, inadimplência alta e baixa liquidez.

A grande reclamação dos produtores e lideranças estão relacionados com as altas taxas do ICMS que incidem sobre o arroz, a concorrência com o arroz importado de países do Mercosul, a falta de fiscalização do Ministério da Agricultura e Anvisa sobre a comercialização de arroz adulterado, seja pela falta de classificação, seja pela mistura de classes. Diante dessa situação, lideranças cooperativistas e empresariais, além de produtores, prefeitos e deputados ligados ao setor arroseiro exigem dos Governos Federal e estaduais medidas a serem tomadas a curto prazo, conforme Carta de Turvo, elaborada no encontro realizado no dia 06/02/2017:

- 1) Lançamento imediato de leilão de PEP e Pepro para escoamento de 1,2 milhões de toneladas de arroz – Governo Federal/Mapa/Conab;
- 2) Lançamento imediato de leilão para aquisição de 500 mil toneladas de arroz através de AGF, com simultânea transferência, através de ajuda humanitária, a países necessitados e em situação de

vulnerabilidade - Governo Federal/Mapa/Conab;

- 3) Suspensão dos vencimentos de dívidas de custeio/investimento/comercialização/prorrogações dos rizicultores, até que seja feito estudo de reestruturação da atividade e do endividamento e/ou tenha havido a recuperação de preços, compatibilizando fluxo de caixa – Governo Federal/Mapa/Conselho Monetário Nacional;
- 4) Convocação de reunião extraordinária do Conselho Fazendário (Confaz) e articulação para acordo de suspensão dos benefícios fiscais para o produto importado, com equiparação das alíquotas estaduais, sob pena de agravamento da crise fiscal do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – Governo Federal/Ministério da Fazenda/Confaz/Governo do RS;
- 5) Sensibilizar o Governo do Estado de Santa Catarina/Secretaria da Fazenda, para permitir o reembolso de créditos de ICMS resultantes de compra de insumos/fertilizantes, energia elétrica, óleo diesel, máquinas e equipamentos, todos utilizados na produção de arroz;
- 6) Criação de Força Tarefa para fiscalização fitossanitária de todo arroz importado – Mapa/Anvisa;
- 7) Certificação, por empresa com credenciamento internacional, que ateste a isenção de resíduos de agrotóxicos para nacionalização de produto importado – Anvisa;
- 8) Isenção temporária de cobrança de ICMS sobre saídas internas e interestaduais de arroz beneficiado a partir de matéria prima catarinense, em território catarinense – Governo de Santa Catarina/Sefaz;
- 9) Criação de Força Tarefa para fiscalizar fraude na importação de arroz beneficiado e empacotado de forma divergente do Regime Especial concedido pelos Estados que exigem processo industrial mínimo internamente – Receita Federal/Receitas Estaduais

## Feijão

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
joaoalves@epagri.sc.gov.br

### Colheita do feijão 1ª safra no Estado já passa de 45%

Com tempo firme, a colheita de feijão 1ª safra já passa de 45% do total da área destinada ao plantio em todo Estado. As microrregiões de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, na Região Oeste, já concluíram a colheita; em Rio do Sul e Ituporanga, Região do Alto Vale, mais de 95% já foi colhido; em Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte, as lavouras também já estão em fase final de colheita. Em Canoinhas, alguns produtores tiveram problemas com a qualidade dos grãos, por terem colhido suas lavouras com excesso de umidade. Nas microrregiões de Curitibanos e Joaçaba, que normalmente plantam a partir de dezembro, cerca de 70% das lavouras estão em fase de florescimento. De maneira geral, a safra de feijão transcorre sem grandes problemas. Em visita técnica a lavouras das regiões do Planalto Norte e Serrano, pudemos constatar que as lavouras apresentam boas condições agrônômicas, sem ocorrência de ataques severos de pragas ou doenças. Na opinião de técnicos de cooperativas e cerealistas, será um safra muito boa de feijão, com preços começando a reagir.

Na praça de Joaçaba, referência de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum teve variação negativa de 25,5% entre os meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018, ficando em R\$ 80,00/saca de 60kg, pagos ao produtor. Esse decréscimo nos preços se deve a falta de produto na praça. Com a intensificação da colheita nos próximos 20 dias, os preços do feijão-carioca no estado devem começar a reagir, até porque é esperada uma safra com produto de excelente qualidade, desde que o clima permanece estável e sem chuvas na colheita. Nos demais estados levantados, os preços reagiram no último mês. No Paraná houve alta de 10,8%, em São Paulo alta de 4,7%, em Minas Gerais alta de cerca de 1,0% e em Goiás alta de 1,4%. Analisando os últimos 12 meses, as cotações despencaram. Em janeiro de 2017 a saca de 60kg do feijão-carioca estava cotada em Santa Catarina a R\$ 174,12, uma redução no período de cerca de 54%; no estado do Paraná redução de cerca de 17% e em Minas Gerais redução de 43%.

Para o feijão-preto em Santa Catarina, os preços tiveram alta de 6,7% no mês de janeiro em comparação a dezembro de 2017, comportamento idêntico ao observado no Paraná. Por lá, o feijão-preto teve variação positiva de 1,2% no mês. Em relação há um ano, a redução no preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg do feijão-preto chega a 14%.

**Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg**

Estado	Tipo	Dez./2017	Jan./2018	Variação (%)	Jan./2017	Variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	107,33	80,00	-25,46	174,12	-54,05
Paraná		81,63	90,46	10,82	108,86	-16,90
São Paulo		109,33	114,48	4,71	151,85	-24,61
Minas Gerais		89,66	90,49	0,93	159,05	-43,11
Goiás		91,74	93,05	1,43	161,29	-42,31
Santa Catarina	Feijão Preto	108,00	115,28	6,74	134,12	-14,05
Paraná		104,65	105,92	1,21	152,74	-30,65
Rio Grande do Sul		131,24	129,28	-1,49	218,09	-40,72

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência Joaçaba/SC (06/02/18).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

No mercado atacadista de São Paulo, principal mercado da leguminosa, balizador do preço pago aos produtores, o mercado permaneceu com comportamento de preços considerado calmo, o que significa dizer que os preços sofreram pequenas oscilações para mais ou para menos no período. Em relação a

variação dos preços no último mês, segundo cotação de preços da Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), o feijão-carioca extra apresentou baixa de cerca de 4,2%, enquanto o feijão-carioca comercial teve queda de 12,2% no mês de janeiro. Para o feijão-preto, os preços no atacado seguem em termos nominais. A alta de preços observada nos preços pagos aos produtores é acompanhada pelos preços praticados no mercado atacadista. A variação nos meses de janeiro foi positiva em 14,5% para o feijão-preto extra e 13,7% para o feijão-preto especial.

No último mês, observamos que o ânimo dos compradores em “ir às compras” está relacionado à perspectiva de melhora no consumo e possibilidade de escassez de produto de qualidade no mercado. Com a volta às aulas na rede escolar em todo país, a tendência natural é de que o consumo aumente. Além disso, as chuvas que estão assolando estados produtores da região Centro-Oeste podem provocar perda de produção e na qualidade do produto colhido.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo				
Produto <sup>(1)</sup>	08/01/2018	06/02/2018	Varição (%)	Mercado
Feijão Carioca Extra (9,0)	120,00	115,00	-4,17	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	112,50	105,00	-6,67	Calmo
Feijão Carioca Comercial (8,0)	102,50	90,00	-12,20	Calmo
Feijão Preto Extra	137,50	157,50	14,55	Nominal
Feijão Preto Especial	127,50	145,00	13,73	Nominal

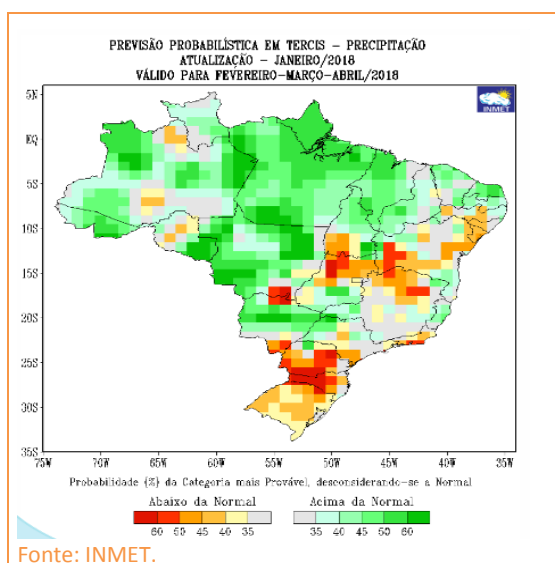
Nota 1: Mercado Nominal: indefinição de cotação por falta ou excesso de oferta.

Nota 2: Mercado Calmo: quando os preços se mantêm ou sofre pequenas oscilações.

<sup>(1)</sup> feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP em 06/02/2018.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Em relação a segunda safra de feijão catarinense, nossas estimativas estão sendo levantadas a campo. No próximo mês estaremos divulgando a área de intensão de plantio e as expectativas de produção e rendimento médio. Até o momento, cerca de 50% do feijão 2ª safra já foi semeado nas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga. Nas microrregiões de Canoinhas e São Bento do Sul mais de 90% da área destinada ao cultivo já foi semeada. Esta segunda safra de feijão terá um período de semeadura mais curto do que em outros anos, decorrente do atraso dos plantios de primeira safra de milho e feijão, que sofreram com estiagens no momento da semeadura, o que certamente irá provocar atraso no início dos plantios das culturas que possuem segunda safra no estado.



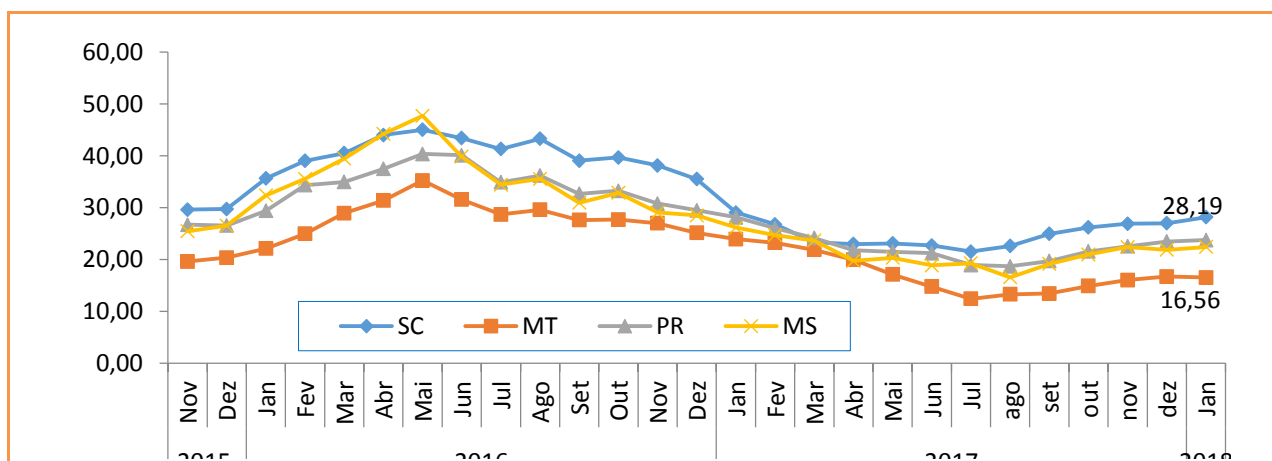
Em relação a precipitação para os próximos três meses, segundo dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) para este verão devemos esperar chuvas irregulares e mal distribuídas para toda Região Sul. Nesse período, é comum a ocorrência de precipitações de forte intensidade em curtos de tempo intercalando com períodos de vários dias sem precipitação, agravado pelo fato de a evaporação e evapotranspiração serem maiores nos meses de verão, o que pode acarretar problemas para a agricultura. Na figura ao lado podemos verificar que para as Regiões Extremo Oeste, Oeste, Meio Oeste, Alto Vale e parte do Planalto Norte e Serrano, existe 60% de probabilidade de que ocorram chuvas abaixo da média histórica. Isso significa que poderemos ter falta de chuvas para a segunda safra de milho e feijão em Santa Catarina.



## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

No mês de janeiro, os preços do milho nos principais estados produtores continuaram apresentando reação de recuperação. No entanto, em menor intensidade do que nos meses anteriores, em função do início da colheita da primeira safra nos estados do Sul. No Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em janeiro 2018 registraram R\$ 16,56/sc, R\$ 23,78/sc e R\$ 28,19/sc, respectivamente. Em Santa Catarina, os preços médios tiveram reação significativa desde julho, mês em que o preço registrou R\$ 21,18. Já em janeiro, o preço praticado foi de R\$ 28,19 a saca de 60 kg na praça de Chapecó (praça referência no Estado). Neste período, os preços apresentaram uma elevação de 33%. No entanto, a variação do preço relativa a janeiro de 2017 é de - 4,6%, registrando ainda patamar de preço inferior aquele praticado na safra anterior.



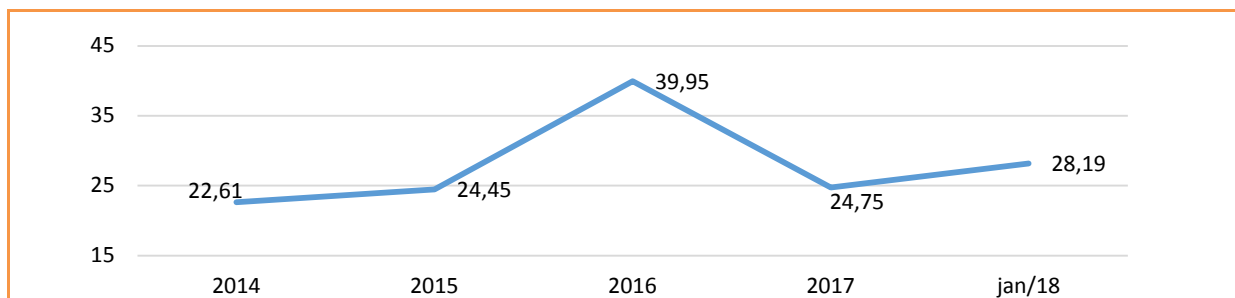
Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

### Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a dez 2017

Com relação aos preços praticados nos últimos cinco anos, constatamos que em 2016 o preço médio de milho (praça Chapecó), bem como no mercado interno nacional, foi muito superior às safras anteriores e, em especial, ao ano 2017, alcançando valor próximo a R\$ 40,00 a saca de 60kg. Esta oscilação de preços é fator preponderante na escolha de plantio entre milho e soja, uma vez que esta última apresenta maior estabilidade de preços ao longo do tempo. O mês de janeiro sinalizou com uma leve recuperação dos preços em relação ao ano anterior. Os fatores que estão contribuindo para esta tendência são, principalmente, a retração da produção no Sul do Brasil na primeira safra 2017/18 em mais de 20%. Expectativa também de diminuição da área de plantio e produção da segunda safra no Paraná e Mato Grosso, neste Estado o IMEA- MTestima diminuição de 16,4% na produção deste ano<sup>1</sup>. Outro fator, que poderá influenciar os preços são os volumes recordes de exportação de milho nos últimos meses pelo Brasil. Com isto, os estoques do cereal estão diminuindo, o que poderá refletir no patamar dos preços durante o ano em curso. Porém, melhor análise de estoques deverá ser feita com os números consolidados da primeira e segunda safra no Brasil, acompanhando, também, o comportamento da safra na Argentina e no Paraguai.

<sup>1</sup> <http://www.imea.com.br/imea-site/relatorios-mercado-detalhe?c=3&s=15>.





Fonte: Epagri/Cepa.

**Milho – Santa Catarina: evolução do preço médio anual ao produtor – 2014 a 2017, jan./2018 (preço médio mensal)**

#### Estimativa para a safra 2017/2018 – milho grão

A estimativa inicial (setembro/2017) de plantio para a safra 2017/18 de milho grão apontava para uma redução de 12,36% na área plantada e de 4,7% no rendimento, em relação a safra anterior, com uma redução na produção em torno de 16% (Tabela 1).. Entretanto, a redução da área de plantio de milho está se apresentando maior, ou seja, - 14,3% no Estado, bem como a redução da produtividade em torno de 7%, relativo a safra anterior. Esta redução na área de plantio pode representar a diminuição de 20,4% no volume total produzido no Estado nesta safra, o que poderá representar 500 mil toneladas menos que período anterior, já considerando uma estimativa do plantio do milho segunda safra em torno de 20.000 ha.

#### Milho - Estimativa atual safra 2017/18 e comparativo safra anterior 2016/17

Microrregião	2016/2017			2017/2018			Est. Atual/Safra ant. (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	7.209	28.766	3.990	7.734	52.686	6.812	7,28	83,16	70,72
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.654	7.419	-12,16	-11,16	1,14
Canoinhas	31.400	298.370	9.502	28.800	267.460	9.287	-8,28	-10,36	-2,27
Chapecó	59.025	521.942	8.843	50.015	438.381	8.765	-15,26	-16,01	-0,88
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.650	170.145	7.512	-5,35	-15,71	-10,95
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.114	6.914	-6,77	8,97	16,88
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	15.780	144.557	9.161	-26,97	-39,65	-17,37
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	8.987	58.625	6.523	-19,18	-24,96	-7,15
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	407.583	8.296	-17,68	-35,33	-21,44
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	18.525	114.099	6.159	-11,49	-12,19	-0,79
São Bento do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São Miguel do Oeste	39.500	330.930	8.378	32.685	260.872	7.981	-17,25	-21,17	-4,73
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	31.868	6.146	10,41	38,62	25,55
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	20.310	209.550	10.318	-25,55	-27,34	-2,40
<b>Santa Catarina</b>	<b>362.287</b>	<b>3.140.914</b>	<b>8.670</b>	<b>310.242</b>	<b>2.497.741</b>	<b>8.051</b>	<b>-14,37</b>	<b>-20,48</b>	<b>-7,14</b>

### Panorama regional:

**Região Oeste** – Nas regiões de Chapecó, Xanxerê e Concordia, até o dia 15 de fevereiro mais de 90% das lavouras se encontram em fase de maturação final. Em torno de 10% da área plantada está colhida. Os relatos indicam uma safra normal. No entanto, em função da irregularidade das chuvas em alguns períodos (setembro e início de dezembro 2017), a atual safra não deverá repetir os excelentes resultados do período anterior - 2016/17.

**Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos, Caçador:** Nestas regiões, em função da ocorrência de período sem chuvas em setembro, os plantios concentraram-se nos primeiros 15 dias de outubro (próximo de 40% da área plantada da região). Na primeira quinzena de dezembro/17 ocorreu novamente um período de estiagem, bem como altas temperaturas. Neste período muitas lavouras estavam em fase de floração e início de enchimento de grãos, período mais sensível no ciclo das plantas. As estimativas são de redução de rendimento entre 10 e 15% nestas regiões, com variação entre os municípios em função de ocorrência de chuvas localizadas no período.

**Campos de Lages:** A maior parte das lavouras foram semeadas em novembro, que estão na fase de floração e enchimento de grãos. As condições normais de umidade do solo sugerem safra com bom rendimento.

**Região Norte:** A estiagem ocorrida no mês de setembro/17 não causou maiores problemas, mas somente um pequeno atraso no calendário de plantio das grandes áreas de milho. Para a cultura do milho é extremamente importante que exista umidade no solo, principalmente na fase de floração. Essas condições ocorreram em dezembro, favorecendo a fase de maturação e de enchimento de grãos. Com isto, as lavouras nesta região estão com bom desenvolvimento e deverão apresentar bom potencial produtivo, nas condições apresentadas até o momento.

**Alto Vale o Itajaí:** Até o momento 45% das lavouras estão colhidas, com tempo firme os produtores estão empenhados nessa prática, o rendimento médio é de 6.500 – 7.000 kg/ha.

**Estadual:** No âmbito estadual, até 15 de fevereiro/18 a colheita de milho grão já se desenvolvia em algumas áreas, em especial no Oeste e Extremo Oeste. Estas áreas foram semeadas em final de agosto e início de setembro. Mas, em função da estiagem naquele período e incidência de pragas, o estande/população de plantas por hectare não foi a ideal, o que está refletindo na redução da produtividade em torno de 10 a 15%. No entanto, a região em questão representa menos de 10% da área total cultivada de milho grão no Estado. Outra região que relata algum problema é a de Joaçaba/Campos Novos. A estiagem ocorrida na primeira quinzena de dezembro/17 deverá resultar quebra no rendimento de 10 a 15% comparativamente a safra anterior. Nas demais áreas do Estado as lavouras encontram-se com desenvolvimento normal até o período. Grande parte das lavouras, mais de 50%, está em fase de maturação. A colheita deverá se intensificar nos próximos 15 dias. No contexto geral, o prognóstico realizado pela Epagri/Cepa em setembro/2017 está se confirmando, ou seja, a produção da safra atual deverá ser inferior 20% frente a do período anterior, que foi excelente de acordo com o acompanhamento sistemático das últimas cinco safras.

### Climatologia - (o que se espera para época do ano<sup>2</sup>):

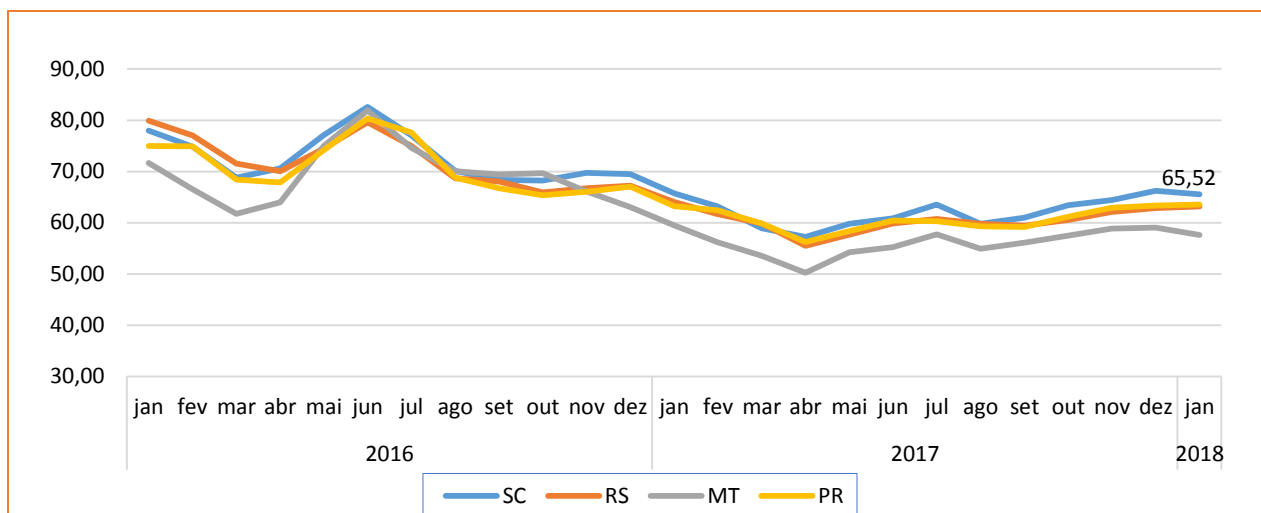
Em fevereiro e primeiros dias de março a chuva convectiva (curta duração), típica de verão, ocorre com frequência entre a tarde e noite, por vezes também na madrugada. A média mensal é de **150mm a 230mm** em fevereiro, sendo mais alta no litoral do Estado. A média mensal em março é de **110mm a 130mm** do Oeste ao Planalto e mais alta no Litoral e Vale do Itajaí, de **150mm a 200mm**. Em abril a média é de **90mm a 170 mm, com os maiores volumes ocorrendo** no Planalto e Litoral.

<sup>2</sup> [http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2405&Itemid=141](http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141)

## Soja

Haroldo Tavares Elias  
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Em janeiro, a soja se manteve com os preços estabilizados, com leve recuo em algumas praças produtoras. Os preços nas principais praças dos estados produtores registraram, em janeiro, os valores de R\$ 57,58, R\$ 63,54 e R\$ 63,17 (saca de 60kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de dezembro, os preços tiveram recuo médio nestes estados de - 0,67%. No comparativo frente ao período de dezembro de 2017, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -1,34%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram o mesmo comportamento, com ligeira queda entre dezembro/2017 e janeiro/2018 de - 1,03%, com o saco cotado em R\$ 65,52 em janeiro/18. As chuvas abundantes durante a segunda quinzena de dezembro favoreceram a recuperação das lavouras, que estão indicando produtividade acima da estimativa inicial, nos principais estados produtores e no Estado, fato que pode ter influenciado no recuo dos preços no início do ano vigente.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

**Soja – Preço médio mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a out./2017 - Preços corrigidos IGPDI, dez./2017**

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas, em uma área de 658 mil hectares. Para a safra 2017/18, a estimativa de cultivo da leguminosa (jan/2018) confirma a crescente expansão em termos de área, com expectativa de incremento de 8% em relação a safra anterior (2016/17), devendo alcançar 708 mil hectares. Esta área conquistada vem da redução de área do milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas ao longo dos anos. No entanto, quanto ao rendimento (hg/ha), há um indicativo de variação de 3% em relação a estimativa atual. Chuvas regulares a partir da segunda quinzena de dez/17 e durante janeiro apontaram expectativas de melhora no rendimento para a safra em curso.

As regiões do estado que mais concentram a produção são: Canoinhas, Curitibanos ( que inclui Campos Novos, maior produtor do estado) e Xanxerê que, juntas somam mais de 400.000 ha (56% do total da área cultivada no Estado) considerando as estimativas iniciais safra 2017/2018. A tabela abaixo apresenta os dados de área plantada, quantidade produzida e rendimento médio de soja nas microrregionais do Estado das safras 2016/17 e 2017/2018.

**Soja – Estimativa atual de área, rendimento e produção da safra 2017/18 e comparativo safra 2017/18**

Microrregião	2016/17			2017/18			Est. atual/safra anterior (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	63.520	215.760	3.397	6	8	2
Canoinhas	127.100	485.670	3.821	140.300	500.480	3.567	10	3	-7
Chapecó	88.512	292.035	3.299	96.165	313.165	3.257	9	7	-1
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.142	23.098	3.761	9	14	4
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	459.392	4.065	5	2	-3
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	7.740	27.688	3.577	1	-8	-9
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	19	8	-9
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	14.072	3.505	2	3	1
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	5	2	-2
São Miguel do Oeste	42.790	128.454	3.002	45.630	145.402	3.187	7	13	6
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.160	522.050	3.524	7	6	-1
<b>Santa Catarina</b>	<b>653.754</b>	<b>2.397.601</b>	<b>3.667</b>	<b>708.044</b>	<b>2.528.101</b>	<b>3.571</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>-3</b>

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema Acompanhamento de Safras.

### Panorama regional:

#### Região Oeste:

Os municípios das regiões de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste registram em torno de 5% da área colhida, em que foram utilizadas variedades precoces. As demais áreas se encontram em fase de enchimento de grãos e maturação. Após 15 de fevereiro os trabalhos de colheita se intensificam nesta região, devendo avançar rapidamente se as condições climáticas continuarem com poucas chuvas, conforme comportamento no início de fevereiro.

#### Campos Novos, Curitibanos e Caçador:

A produtividade está sendo estimada como normal, sendo que o período de estiagem no início de dezembro não deverá afetar, de maneira significativa, as lavouras, uma vez que, diferentemente do milho, a soja nesta região foi semeada posteriormente. Assim, a estiagem que ocorreu no período ou seja, na primeira quinzena de dezembro, não afetou o desenvolvimento normal da cultura, mas apenas algumas lavouras com variedades precoces, mas nada significativo. Com isto, a maior parte das lavouras se encontram com bom desenvolvimento até o período. O retorno das chuvas mais regulares desde meados de dezembro apontam para uma boa expectativa de produtividade (15 fev/18).

**Campos de Lages:** Relato de chuvas insuficientes na segunda quinzena de janeiro na região, poderão comprometer a produtividade estimada. O comportamento do regime de chuvas na região em fevereiro será decisivo para a consolidação do rendimento. Em torno de 80% das lavouras se encontram na fase inicial de enchimento de grãos no momento (10-15 fevereiro).

**Região Norte (Canoinhas, Mafra):** A maior parte das lavouras se encontra em fase de enchimento de grãos (80%). Verificamos, em roteiro realizado na Região Norte (Mafra e Canoinhas) no final de janeiro, que a expectativa dos técnicos e agricultores é de uma safra cheia. Relatos de bom desenvolvimento das lavouras, uma vez que após 20 de dezembro as chuvas se normalizaram na região. Em janeiro, chuvas mais intensas acarretaram incidência de “mofo branco” em algumas lavouras, mas com controle. A regularização climática aponta para safra normal, podendo repetir índices de produtividade da safra anterior. Porém, o regime de chuvas nos próximos 15 dias será determinante para confirmação deste prognóstico.

**Estado:** Registro de início de colheita no final de janeiro e início de fevereiro no Oeste. Grande parte das lavouras em fase de maturação. Após a segunda quinzena de dezembro/17 e durante o mês de janeiro/18 as condições climáticas retornaram a normalidade. No geral, as lavouras se encontram em boas condições de desenvolvimento até o momento (10 de fevereiro) nas principais regiões produtoras. Mais de 90% das lavouras estão em fase de pós floração, enchimento de grãos e maturação. Problemas pontuais de estia-gem na região de Campos de Lages e outras poderão indicar rendimentos um pouco inferiores frente a safra anterior (em trono de - 3% - Tabela estimativa atual soja). No entanto, em função do crescimento da área cultivada, a produção total do Estado deverá apresentar crescimento de 5% frente a safra anterior

## Hortalças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### **Alho: Comercialização em ritmo lento**

A safra catarinense de alho 2017/18, oriunda de aproximadamente 2.500ha de área plantada (Epagri/Cepa/2017), está toda colhida e em processo de comercialização.

Santa Catarina participou com aproximadamente 22% da área em produção no Brasil na safra 2017/18, segundo dados do IBGE. Em relação a safra anterior, Santa Catarina teve um incremento de 20% na área plantada, impulsionada especialmente pelos bons resultados econômicos e produtivos da safra 2016/17.

Em Santa Catarina, a hortaliça é produzida basicamente por agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas e essencialmente mão-de-obra familiar. Nos picos de demanda de trabalho, é usada mão-de-obra local contratada ou mesmo vinda de diversas regiões do país. Dentre outras, estas características da produção catarinense de alho refletem o nível de importância socioeconômica da cultura para o estado.

A safra que ora está sendo comercializada, teve em seu ciclo de desenvolvimento produtivo períodos críticos de falta de chuvas, ocasionando déficit hídrico nas lavouras, conforme indicam nossos levantamentos de campo. Como reflexos dessas condições, a produção desta safra apresenta maior percentagem de bulbos de menor calibre, embora de muito boa qualidade na sanidade, com coloração intensa e de textura. Também como consequência, os produtores tiveram aumento no custo de produção em função da necessidade de uso intensivo de irrigação.

Em relação ao mercado, se na safra passada a oferta mundial do produto foi menor, nesta o quadro é diferente. O mercado em geral está com oferta em alta, com queda nos preços internacionais, impondo redução de preços aos produtores. Neste sentido, a dinâmica de comercialização da safra catarinense enfrenta uma conjuntura de poucos negócios.

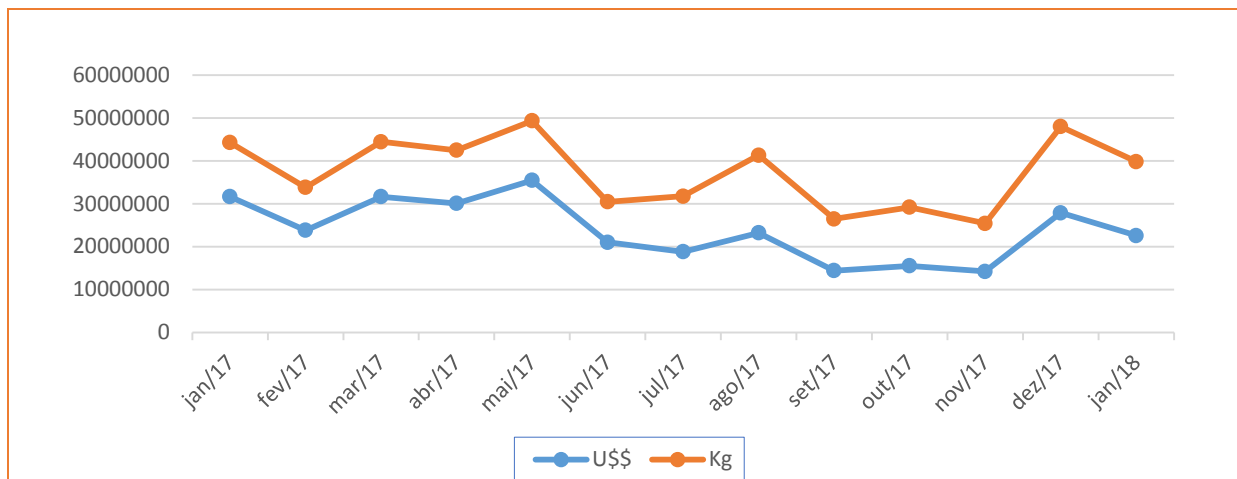
Assim, as informações coletadas a campo pelos nossos agentes de mercado e técnicos da extensão rural junto a diversos parceiros e cooperativas de comercialização, mostram que os preços pagos aos agricultores giram, como se diz na linguagem própria do mercado do alho, em torno de R\$ 0,50 a R\$ 1,00 acima da classe quando a comercialização é via cooperativa. Isto significa que para o alho classe 2 o preço ao produtor pode chegar a R\$ 2,50 a R\$ 3,00/kg e assim por diante. Porém, quando os produtores não estão organizados para a comercialização, o preço recebido pode chegar entre R\$ 0,50 a R\$ 1,00/kg abaixo da classe. Este quadro é o inverso da situação anterior. Porém, estes valores recebidos pelos produtores não remuneraram os custos da produção.

Em termos gerais, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013. As importações de janeiro a dezembro de 2017 foram de 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8% no período. Por outro lado, ao compararmos os valores do mês de janeiro dos últimos 03 anos (Tabela 01), percebe-se que neste ano a importação de alho é praticamente igual a janeiro de 2016. Isto é, começamos o ano com alto volume internalizado, quadro que deixa o setor da produção com preocupações importantes em termos da concorrência no mercado.

É importante destacar que em janeiro de 2018, em relação a janeiro de 2017, foram internalizadas 5 mil toneladas a mais. Conforme a mesma tabela, percebe-se que, de agosto de 2017 até o momento, há um crescimento significativo do volume importado, quando comparado ao mesmo período do ano de 2016. Esta conjuntura é proporcionada pela maior oferta mundial do produto, com a consequente redução dos preços internacionais em relação a safra anterior.

O preço médio por kg de alho internalizado no mês de janeiro de 2018 foi de US\$ 1,30/kg, representando queda de 5,79% em relação a dezembro de 2017, quando o preço foi de US\$ 1,38/kg.

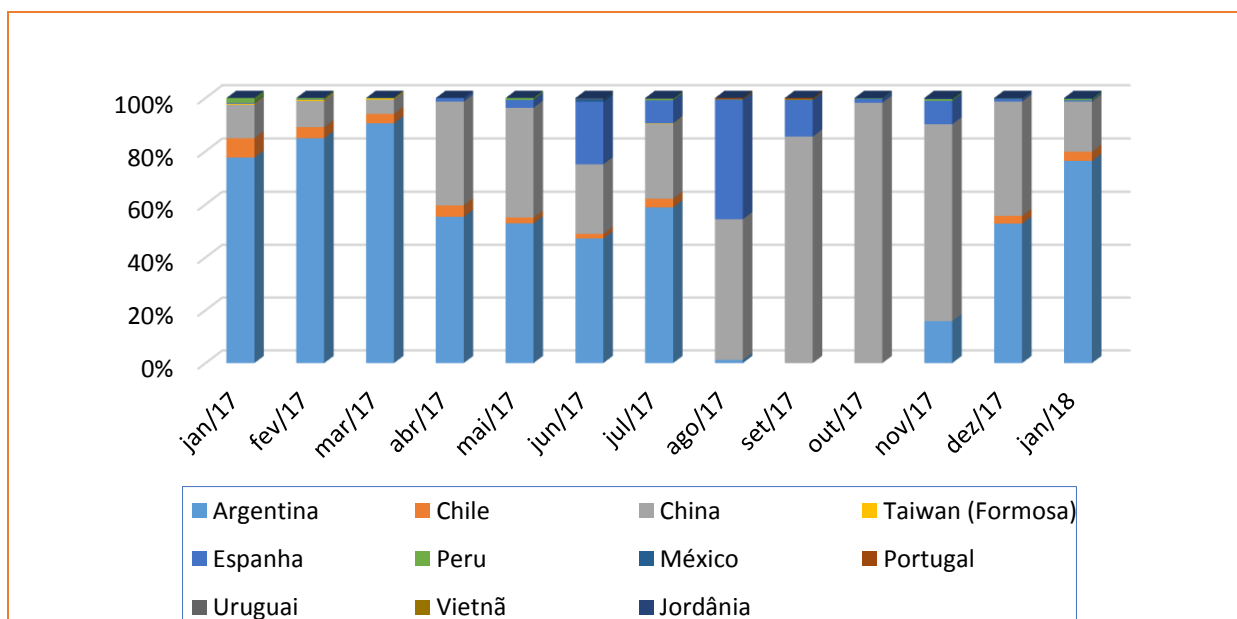
A internalização do alho importado, cujo volume foi de 17,2 mil toneladas no mês de janeiro/18, teve um custo total registrado de US\$ 22,56 milhões, conforme pode ser visto na Figura abaixo.



Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.

**Importação de alho pelo Brasil mês a mês: 2017 e jan/2018**

Na figura abaixo apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de janeiro de 2018 o principal fornecedor foi a Argentina, com 13,16 mil toneladas, perfazendo 76,23 % do total do alho importado, seguido da China, com 3,25 mil toneladas, atingindo 18,85%. O restante do produto, 4,92%, foi fornecido pelo Chile e pela Jordânia.



Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.

**Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - mês a mês 2017 e jan 2018**



Ainda com relação às importações, observa-se que do mês de agosto até o mês dezembro de 2017 as importações superaram os volumes do mesmo período do ano anterior. Esta questão deve merecer atenção do setor pelas implicações diretas nas condições do mercado para a produção brasileira em geral.

No sentido de mostrar um conjunto de informações que permitam comparações dos últimos dois anos, em 2016 a internalização das 172,97 mil toneladas do alho teve um custo de US\$ 328,51 milhões, contra US\$ 287,52 milhões em 2017, com a importação de 159,20 mil toneladas. Estes dados mostram que o custo médio registrado por quilo baixou de US\$ 1,89/kg em 2016 para US\$ 1,80/kg no ano de 2017.

Especificamente para o mês de janeiro de 2018, o quadro dos custos da internalização do alho mudou significativamente. Nesse sentido, o custo das 17,24 mil toneladas importadas demandaram um desembolso de US\$ 22,565 mil, com custo médio de US\$ 1,30/Kg, situação bastante diferente da conjuntura dos anos de 2016 e 2017.

Esse quadro mostra uma tendência forte de um possível acirramento da concorrência com o alho importado para o próximo período para o alho nacional.

**Brasil - importações de alho pelo - 2016, 2017 e 2018 (mil t)**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	<b>172,97</b>
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	<b>159,20</b>
2018	17,24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>17,24</b>

Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.



## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

### **Comercialização - mercado mostra aquecimento na última semana e preço ao produtor melhora**

Estado tradicional na produção de cebola, Santa Catarina deverá manter a posição de maior produtor nacional, com área em produção acima dos 20 mil hectares.

A colheita da safra 2017/18 da cebola catarinense pode ser considerada finalizada nas regiões com importância no contexto da produção estadual.

Em termos de mercado nacional, o preço da hortaliça teve importante melhoria nas últimas semanas, especialmente, em princípio, pela redução de oferta da região Nordeste e, também, pela estratégia adotada pelos produtores sulistas, notadamente os catarinenses. Consultas de mercado que realizamos nos últimos dias, indicam que os atores estão adotando postura atenta e cautelosa na observação do comportamento do mercado, visto que houve rápido aquecimento nos preços. Porém, há alguma dúvida, ou pelo menos algumas interrogações, sobre a possibilidade de permanência dos preços da cebola no patamar atual. Contudo, o quadro é bastante positivo ao setor, uma vez que a conjuntura de mercado alcançou uma das melhores condições, pelo menos nos últimos 13 meses. De qualquer forma, um quadro mais claro das tendências de curto prazo deverá ser apontado nas próximas semanas.

Tradicionalmente, a safra catarinense é comercializada até os meses de abril/maio, com alguma extensão deste período para os meses seguintes a depender do volume ofertado e de alguns fatores relacionados especialmente ao mercado, como importações e o consumo. Com volume de produção e oferta da hortaliça menor na presente safra em relação à safra passada, a comercialização tende a ser encerrada mais cedo que a anterior, em que Santa Catarina ofertou cebola até os meses de julho/agosto.

A produção estadual desta safra foi atingida pela falta de chuvas em período crítico do desenvolvimento da cultura. Embora a boa estrutura de irrigação presente em grande número de propriedades, essa condição climática afetou importantes aspectos produtivos. A principal é a presença de cebolas de menor diâmetro (caixa 2), que normalmente tem menor aceitação no mercado. Porém, com a perspectiva de melhoria geral dos preços, há boas possibilidades de mercado para o produto com essas características, o que é bom para os produtores.

Como relatado no boletim anterior, a implantação da LETEC, conforme resolução de 05/12/17 da Camex/MDIC, deverá impulsionar positivamente a cadeia produtiva da cebola no Brasil nos próximos anos, cuja taxa das importações de cebola oriundas de países não pertencentes ao Mercosul foi fixada em 25% para o ano de 2018, 20% para o ano de 2019 e 15% para o ano de 2020. Nesse sentido, os próximos anos em que a “proteção” da produção da hortaliça no Brasil estiver em vigor, exigirão que os produtores e os principais atores da cadeia produtiva consigam implementar as mudanças estruturais, inovações e avanços tecnológicos necessários para atingir novos patamares de eficiência econômico-produtivas para, então, poder fazer frente ao

Em relação ao preço pago aos produtores, nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, centro da produção da cebola catarinense, o mesmo está girando entre R\$ 28,00 e R\$ 30,00 a saca de 20kg, ou seja R\$ 1,40 a R\$ 1,50/kg. A expectativa dos produtores é ainda de alguma melhora nos preços nas próximas semanas, porém há avaliações de que não há espaço para maior crescimento dos preços no mercado.

Na primeira semana de fevereiro, Santa Catarina atingiu de 50 a 55% de comercialização da atual safra. Nesse sentido, é a safra sulista, e catarinense por excelência, a responsável principal pelo abastecimento do mercado nacional nesse período.

Quanto ao mercado nacional, esse tem tido um aquecimento na última semana, o que tem deixado os produtores mais satisfeitos com os resultados de seus negócios, comparativamente ao comportamento geral da safra passada.

Na Ceagesp, maior central nacional de abastecimento, a hortaliça (bulbo médio) foi comercializada na última semana de janeiro – preço mais comum - a R\$ 1,90/kg, atingindo R\$ 2,32/kg no dia 05 de fevereiro.

Na Ceasa/SC, os preços no atacado nesta semana, para a cebola classe 3, atingiram patamares de R\$ 1,80 a R\$ 2,00/kg.

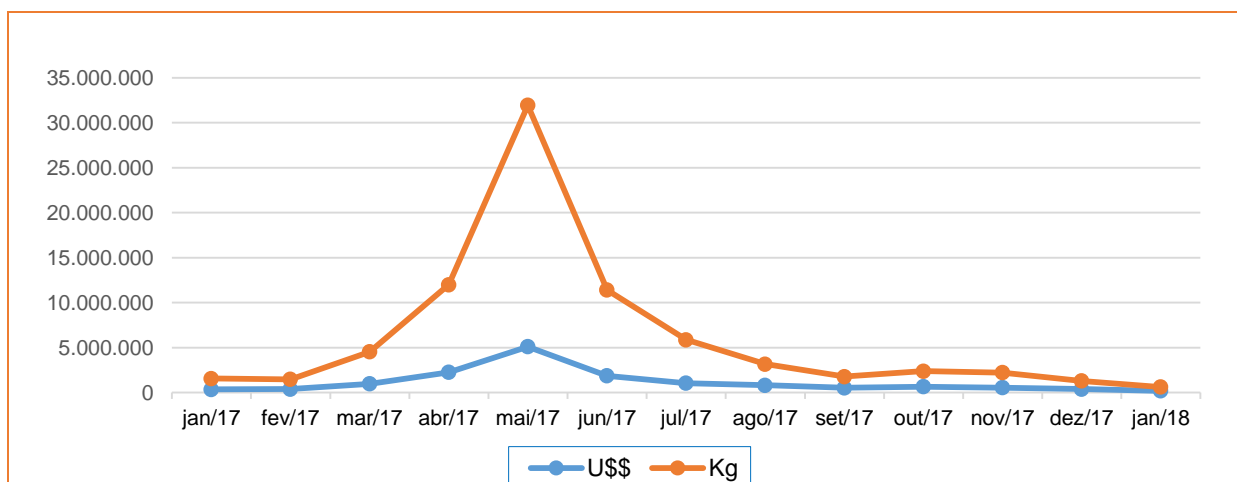
No tocante a entrada de cebola no Brasil, a importação de cebola no mês de janeiro foi comandada pelas cebolas espanhola, holandesa e argentina, como pode ser visto no Gráfico 1. O volume foi de apenas 417,35 toneladas, menos da metade das 906,4 toneladas registradas no mês de dezembro de 2017. O valor dispendido com as importações no mês de janeiro foi de US\$ 0,2014 milhão, contra US\$ 0,391 milhão gastos no mês de dezembro/17.

Chama a atenção que os números da importação do mês de janeiro são os menores do período acompanhado.



O total das importações de cebola pelo Brasil no ano de 2017 foi de 64,698 mil toneladas do produto, com um custo de US\$ 14,959 milhões, significando uma importação média mensal de 5,391 mil toneladas e um dispêndio médio mensal de divisas na faixa de US\$ 1,25 milhão.

Os números de janeiro/18 apresentam uma significativa queda nas importações de cebola em relação à média mensal do ano passado, atingindo 92,25% de redução, com apenas 417,35 toneladas. Comparando janeiro de 2017 com o mesmo mês de 2018, a redução foi de 65,62%, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

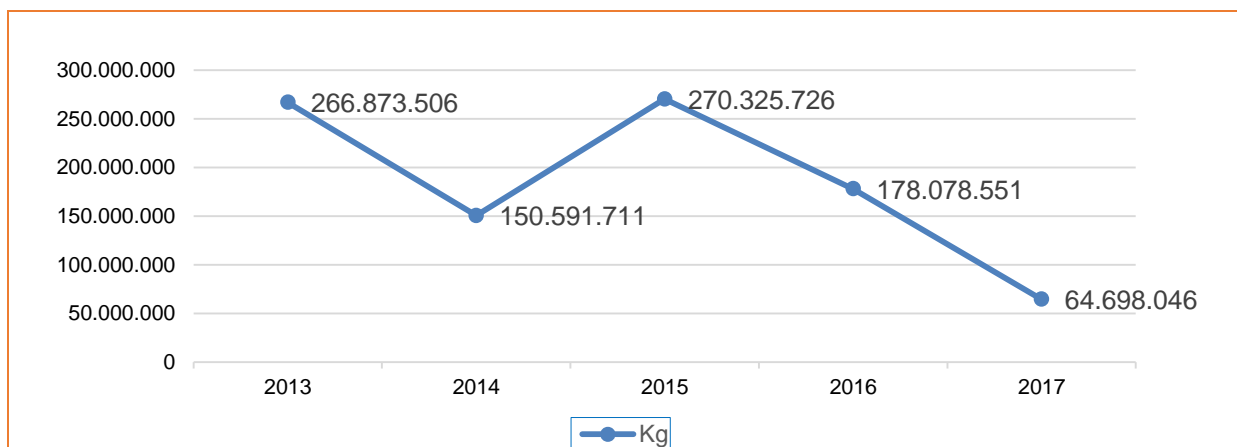


Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.

**Brasil - Importação mensal de cebola: 2017 e janeiro de 2018**

O mercado brasileiro da cebola tem relação direta e é influenciado fortemente pelas importações da hortaliça, propiciando reflexos importantes sobre as cadeias produtivas nacional e catarinense. No período considerado (2013 a 2017), o ano de 2015 atingiu o ápice, com a importação de mais de 270 mil toneladas.

Neste sentido, o comportamento das importações no período apresentaram grande redução nos volumes, tendência que deve ser mantida, pois recentemente o Brasil baixou resolução que taxa a cebola oriunda de países não pertencentes ao Bloco Econômico do Sul – Mercosul. Também deve colaborar para isso a qualidade baixa do produto de alguns países importantes no fornecimento de cebola ao Brasil, como a Holanda.



Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.

**Brasil - Importação anual de cebola - 2013 A 2017**

# Pecuária

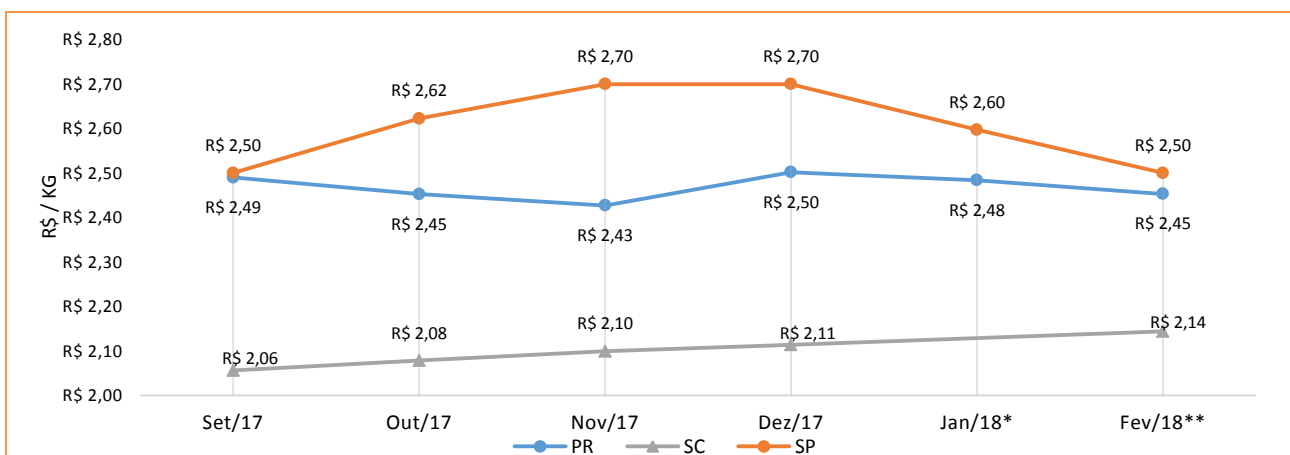
## Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após um primeiro semestre marcado por sucessivas quedas nos preços do frango vivo em Santa Catarina, a partir de agosto de 2017 observa-se uma pequena recuperação. Embora de forma tímida, o ano de 2018 também iniciou com movimento de alta nos preços. A média preliminar de fevereiro (referente ao período de 01 a 09/fev./2018) atingiu o valor de R\$2,144/kg em Chapecó, praça de referência para esse produto. Tal valor representa um incremento de 1,43% em relação à média de dezembro.

Ao analisar o comportamento dos preços em dois outros importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), observam-se situações distintas das registradas até o momento em Santa Catarina. No Paraná, o preço do frango vivo chegou a esboçar uma reação em dezembro, mas em janeiro e fevereiro foram registradas quedas de -0,72% e -1,24%, respectivamente. Já em São Paulo, onde o preço vinha subindo desde setembro passado, em janeiro apresentou sua primeira oscilação negativa (-3,80%) desde abril de 2017. O preço de fevereiro, por sua vez, até o momento registra queda de 3,75% em relação ao mês anterior.

Em comparação aos preços praticados em fevereiro de 2017, a defasagem é significativa nos três estados: -4,86% em São Paulo, -6,31% no Paraná e -10,68% em Santa Catarina, sempre levando em consideração os preços nominais. Some-se a isso a inflação de 2,86% acumulada nos últimos 12 meses, de acordo com o IPCA/IBGE.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

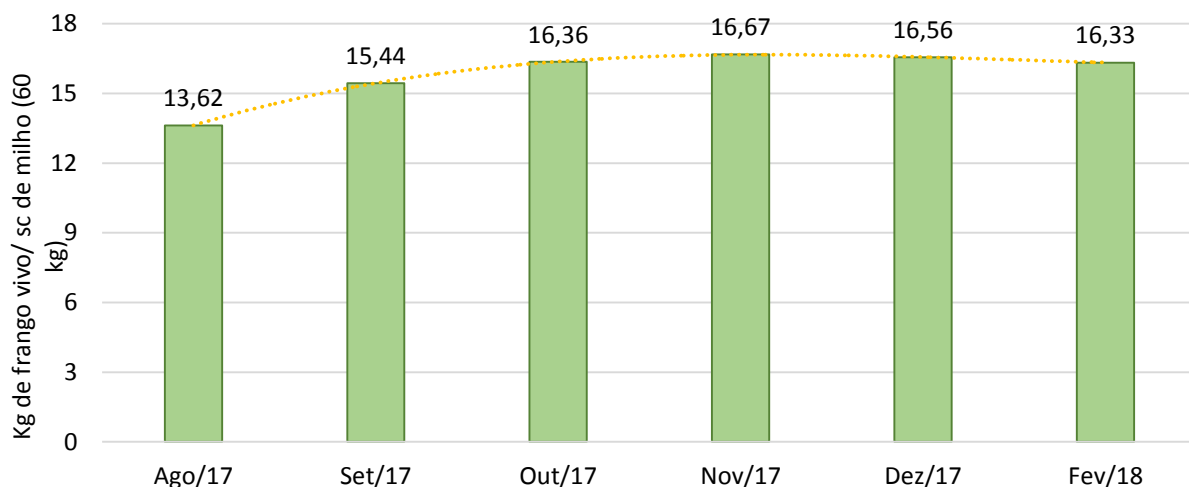
\* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018. Nos demais meses utilizou-se os preços médios mensais da praça de referência de Chapecó.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 01 a 09/fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017/2018**

A elevação no preço do frango vivo na praça de Chapecó, somada à manutenção do preço do milho, foi responsável pela queda de 1,41% na relação de equivalência insumo/produto, na comparação entre fevereiro de 2018 e dezembro de 2017.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

\* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 9/fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2017/2018

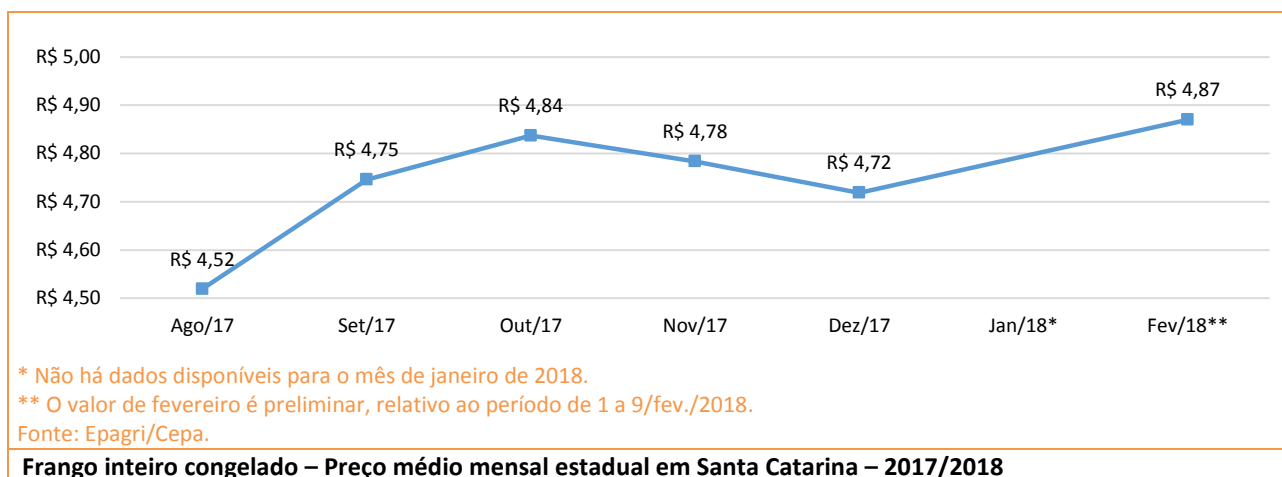
Para o cálculo do índice supramencionado, utilizou-se como referência o valor de R\$35,00/saca de 60kg na região de Chapecó (média preliminar de fevereiro). Esse preço é 0,62% menor que o praticado em fevereiro do ano anterior e 16,67% abaixo do valor do mesmo mês de 2016. Apesar da situação, no momento, estar um pouco mais favorável para a produção de aves do que nos dois anos anteriores, no que diz respeito à alimentação dos animais, há preocupação quanto a possíveis elevações no preço do grão nos próximos meses.

Segundo o 5º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, a perspectiva é de redução na produção de milho na atual safra em relação à anterior: -18,77% na 1ª safra, -5,58% na 2ª safra e -9,69% no total do ciclo. Ressalte-se que até dezembro a previsão da Conab para a 2ª safra era mais otimista, estimando-se uma queda total pouco superior a 5%.

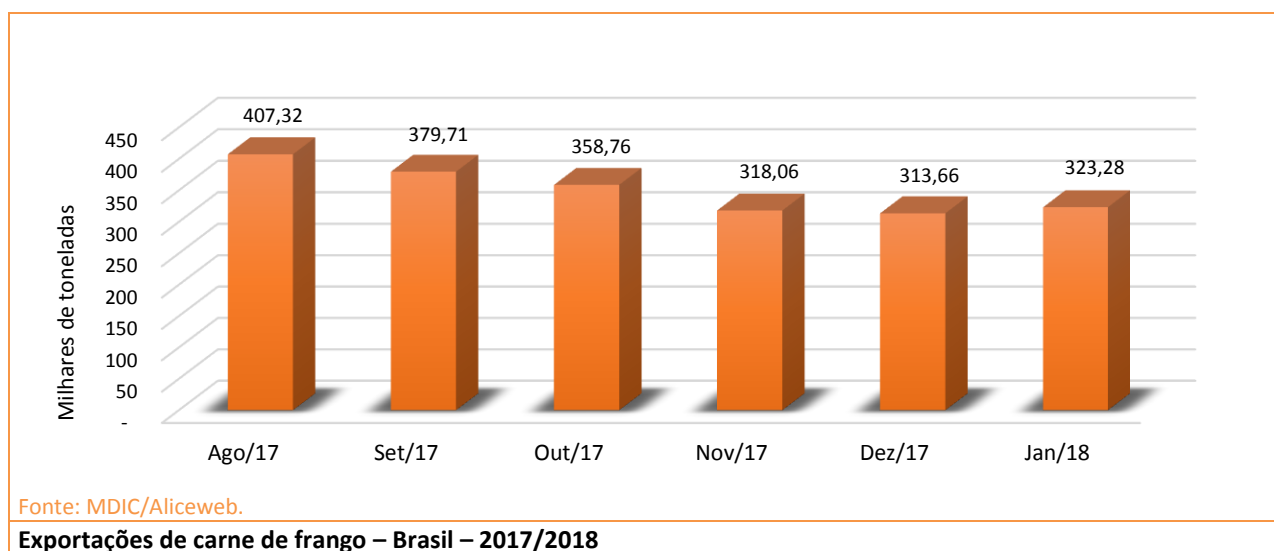
Da mesma forma, em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo estimativas da Epagri/Cepa para o mês de fevereiro, a 1ª safra deve ser de 2,5 milhões de toneladas, queda de 20,64% em relação ao ano anterior.

Acompanhando a alta do frango vivo, no mercado atacadista de Santa Catarina também tem sido registrada tendência de elevação nos preços. Os dados preliminares levantados pela Epagri/Cepa demonstram que três dos quatro cortes acompanhados apresentam variações positivas em fevereiro, quando comparados a dezembro de 2017: filé de peito congelado (0,55%), peito com osso congelado (1,64%) e frango inteiro congelado (3,21%). Somente a coxa/sobrecoxa congelada apresentou queda (-4,25%).

Com o aumento mencionado, o frango inteiro congelado voltou ao patamar observado em outubro do ano passado. Contudo, em relação a fevereiro de 2017 ainda há uma defasagem de 4,33%.



Após quatro meses seguidos de queda, em janeiro o Brasil registrou novamente variação positiva nas exportações de frango. O País exportou 323,28 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 3,07% em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com janeiro de 2017 o resultado foi negativo: queda de 8,85%.

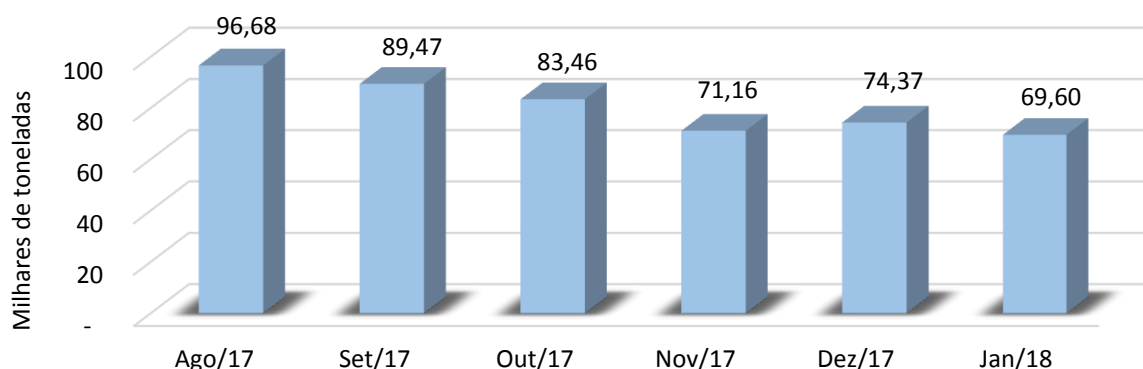


As receitas, por sua vez, foram de US\$512,72 milhões, o que significa que houve variações negativas tanto em relação a dezembro quanto a janeiro de 2017: -0,38% e -13,39%, respectivamente.

Apesar da maioria dos resultados serem negativos, levando-se em consideração uma série de dados mais longa, é possível afirmar que as exportações de janeiro apresentaram um bom desempenho. Para se ter uma ideia, esse foi o terceiro maior montante embarcado num mês de janeiro dos últimos dez anos.

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que juntos responderam por 56,85% das receitas obtidas pelo País com esse produto no mês passado.

Diferentemente do que ocorreu no cenário nacional, os embarques de carne de frango de Santa Catarina registraram queda em janeiro. Foram exportadas 69,60 mil toneladas, montante 6,42% inferior ao mês anterior. Na comparação com janeiro de 2017, o resultado é ainda mais negativo: -13,93%. Essa é a terceira menor quantidade embarcada num único mês dos últimos dois anos.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

#### Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017/2018

As exportações catarinenses de frango em janeiro geraram US\$119,97 milhões de receita, queda de 11,59% em relação ao mês anterior e de 17,61% na comparação com janeiro de 2017.

Os cinco principais destinos da carne catarinense exportada em janeiro foram Japão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, China e Países Baixos, responsáveis por 53% do valor das exportações do Estado.

#### Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Janeiro/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	24.251.626,00	13.840
Emirados Árabes Unidos	12.195.507,00	6.430
Arábia Saudita	10.756.806,00	6.534
China	8.721.110,00	5.249
Países Baixos (Holanda)	7.662.236,00	2.920
Demais países	56.381.930,00	34.626
<b>Total</b>	<b>119.969.215,00</b>	<b>69.597</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Contribuiu para esse resultado negativo a queda nas exportações para a China. Em relação a dezembro, a queda foi de 23,03% em termos de quantidade. Quando se leva em consideração o montante exportado, em janeiro de 2017 a variação é ainda mais significativa: -40,45%.



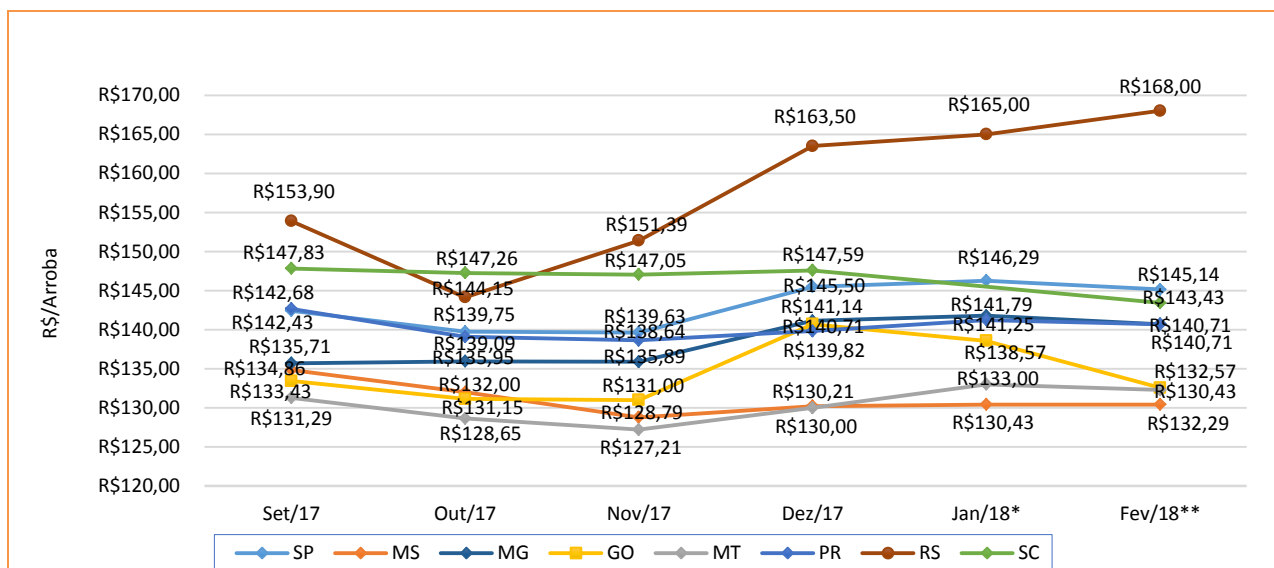
## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo, que fechou o ano em alta e manteve certa estabilidade em janeiro, voltou a apresentar oscilações negativas na maioria das praças do país. Na comparação com janeiro, os preços preliminares de fevereiro apresentam queda em Goiás (-4,33%), São Paulo (-0,78%), Minas Gerais (-0,76%), Mato Grosso (-0,54%) e Paraná (-0,38%). Em Santa Catarina, a diferença entre fevereiro de 2018 e dezembro de 2017 é de -2,82% (não há dados disponíveis para o mês de janeiro). No Mato Grosso do Sul, os preços diários apresentaram algumas oscilações ao longo das últimas semanas, mas a média de fevereiro manteve-se inalterada em relação a janeiro. Somente o Rio Grande do Sul registra variação positiva de 1,82% no período.

Segundo alguns especialistas, a variação positiva registrada no final do ano passado deve-se à maior demanda de carne bovina nesse período, associada à oferta limitada de animais. Com a demanda aos poucos retornando aos patamares anteriores, é de se esperar que os preços do boi gordo também se ajustem.

Já na comparação com os preços praticados em fevereiro de 2017, há situações bastante distintas entre os oito estados acompanhados. Em quatro casos registram-se variações negativas: -9,24% em Santa Catarina, -3,94% no Paraná, -2,00% no Mato Grosso do Sul e -0,65% em São Paulo. Nos demais ocorreram aumentos nos preços pagos aos produtores: 9,29% no Rio Grande do Sul, 3,34% em Minas Gerais, 2,76% em Mato Grosso e 2,58% em Goiás. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,86%, de acordo com o IPCA/IBGE.



\* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 9/fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa<sup>(1)</sup>; Cepea<sup>(2)</sup>; SEAB<sup>(3)</sup>; Nespro<sup>(4)</sup>.

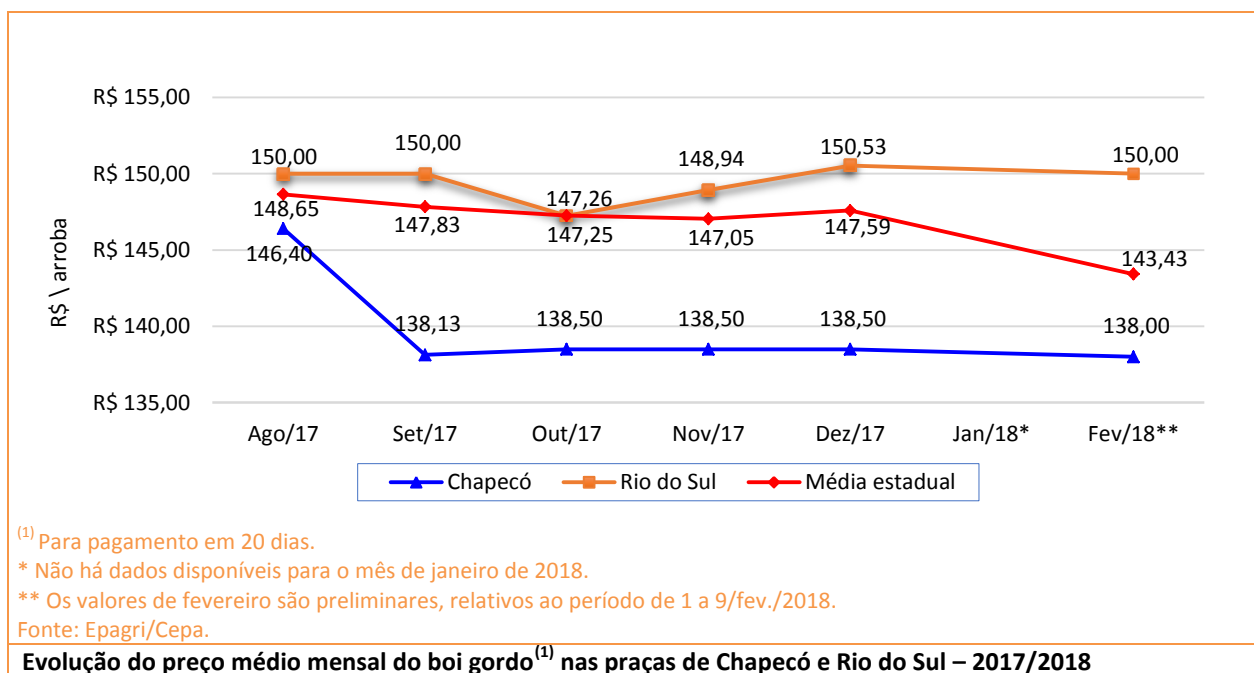
**Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, MS<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup> – 2017/2018**

Como citado no parágrafo anterior, Santa Catarina apresentou a queda mais significativa dentre os oito estados acompanhados. Não obstante a tendência predominante em 2017, no último trimestre do ano passado o mercado encontrava-se relativamente estabilizado. No entanto, os preços preliminares de fevereiro apontam novo movimento de baixa na média estadual. Parte dessa baixa é causada pela ausência de dados de duas praças de coleta que tradicionalmente apresentam valores superiores à média estadual

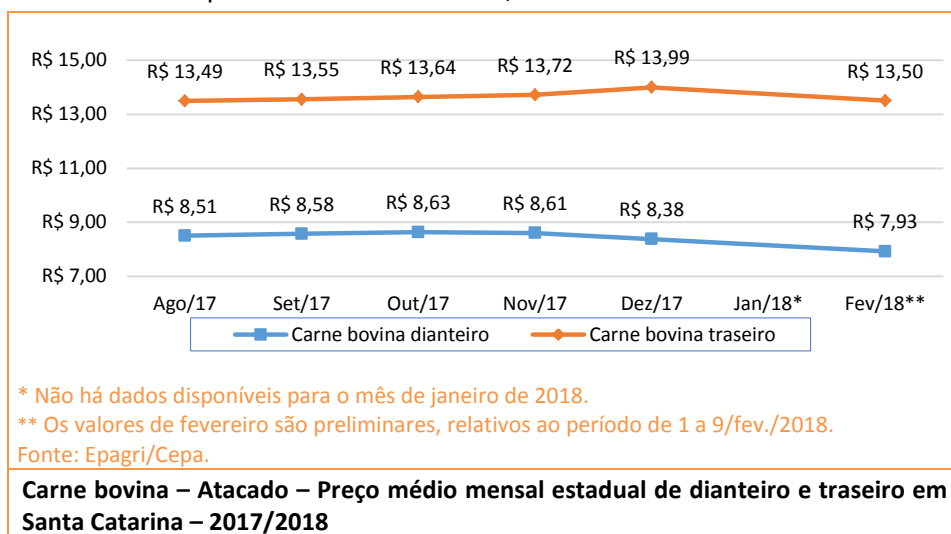


(Lages e Sul Catarinense). Contudo, mesmo excluindo-se esse fator, ainda predomina o movimento de queda.

As duas praças de referência também apresentam oscilações negativas até o momento, embora em índices pouco expressivos: -0,36% em Chapecó e -0,35% em Rio do Sul, na comparação entre o corrente mês e as médias de dezembro do ano passado. Contudo, ao se comparar os preços atuais com aqueles praticados em fevereiro de 2017, as diferenças são bem mais significativas: -12,66% em Chapecó e -9,09% em Rio do Sul.



Assim como os preços ao produtor, o atacado da carne bovina em Santa Catarina também apresentou movimento de queda nesse início de ano, de acordo com os dados levantados pela Epagri/Cepa.

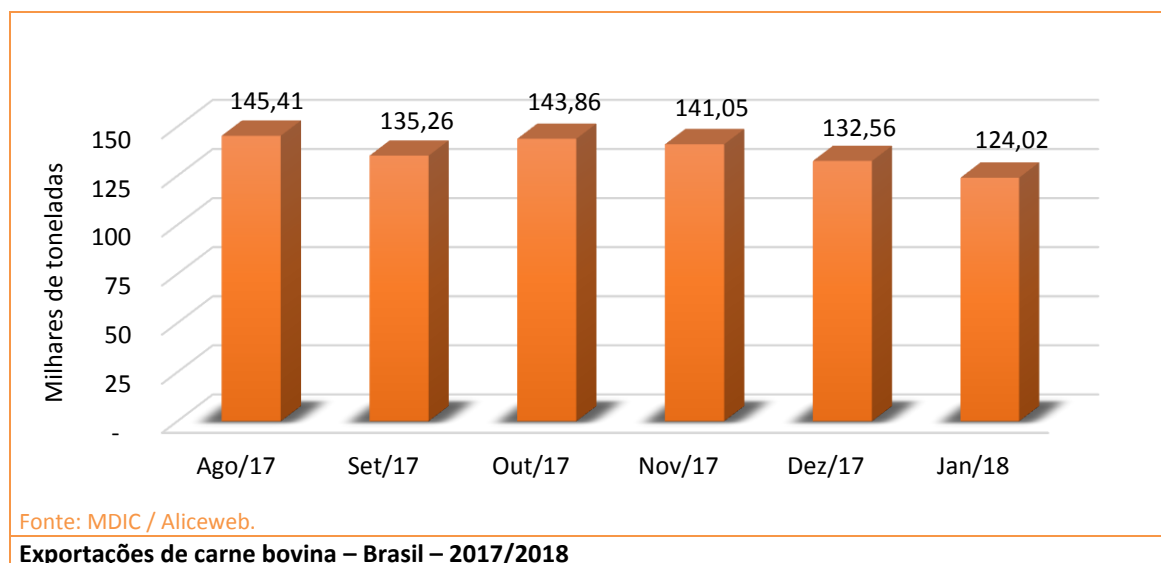


A carne de traseiro caiu 3,49% (preço médio preliminar de fevereiro em relação a dezembro). Quando comparado a fevereiro de 2017, a variação é de -3,33%.

A carne de dianteiro, por sua vez, registra queda de 5,41% entre dezembro e fevereiro. Em relação a fevereiro de 2017 a diferença é ainda mais significativa: -9,74%.

Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em janeiro o Brasil exportou 124,02 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 6,44% em relação a

dezembro. Contudo, quando comparado a janeiro de 2017, esse montante representa um incremento de 15,74%.



**Exportações de carne bovina – Brasil – 2017/2018**

As receitas de janeiro também foram menores do que no mês anterior: US\$518,41 milhões, queda de 7,00%. No entanto, quando se compara os resultados de janeiro com o mesmo mês de 2017, observa-se crescimento de 24,16%.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em janeiro foram Hong Kong, China, Irã, Egito e Chile, que responderam por 69% das receitas. Hong Kong e China mais uma vez ampliaram significativamente suas aquisições no mês passado, quando comparado a janeiro de 2017: aumentos de 70,54% e 40,40% em termos de valor, respectivamente.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Janeiro/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	140.483.321,00	37.546
China	104.876.059,00	22.840
Irã	41.792.971,00	9.568
Egito	40.882.690,00	12.919
Chile	29.666.817,00	7.018
Demais países	160.705.701,00	34.127
<b>Total</b>	<b>518.407.559,00</b>	<b>124.017</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

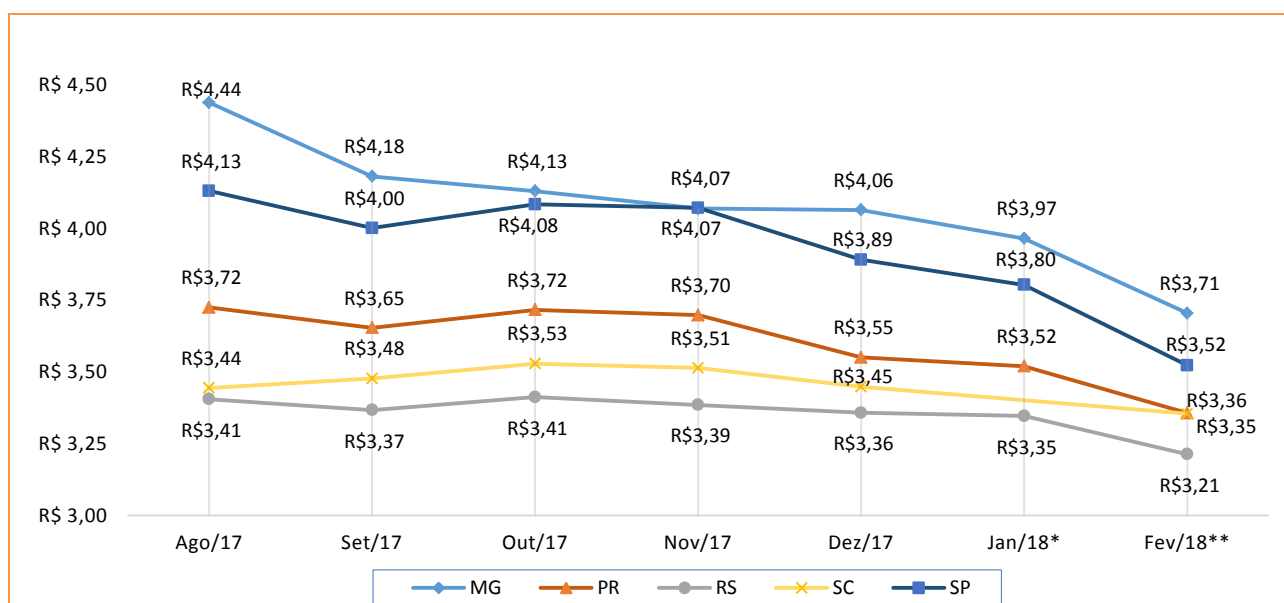
Mais uma vez vale lembrar que as exportações de carne bovina para a Rússia seguem suspensas em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos. Embora nesse período tradicionalmente os volumes exportados para aquele país sejam baixos, em razão do fechamento de alguns portos durante o inverno, caso a suspensão persista pode se tornar um problema para o setor. Em 2017, a Rússia foi o 5º principal destino da carne bovina brasileira, respondendo por 8,52% do valor e 10,87% da quantidade exportada.

## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Para o setor suinícola, o ano de 2017 foi marcado por uma acentuada queda de preços no primeiro semestre, com leve recuperação no início do segundo e relativa estabilização nos meses seguintes. Contudo, em dezembro já se vislumbrava novo movimento de baixa nos principais estados produtores, situação decorrente principalmente da suspensão das importações de carne brasileira pela Rússia.

Como é possível perceber no gráfico abaixo, essa tendência se manteve em janeiro e tem se acentuado no mês corrente. De acordo com os dados preliminares, os preços de fevereiro apresentam quedas em relação a janeiro nos cinco estados analisados: -7,37% em São Paulo, -6,57% em Minas Gerais, -4,64% no Paraná, -3,99% no Rio Grande do Sul e -2,71% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes).



\* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

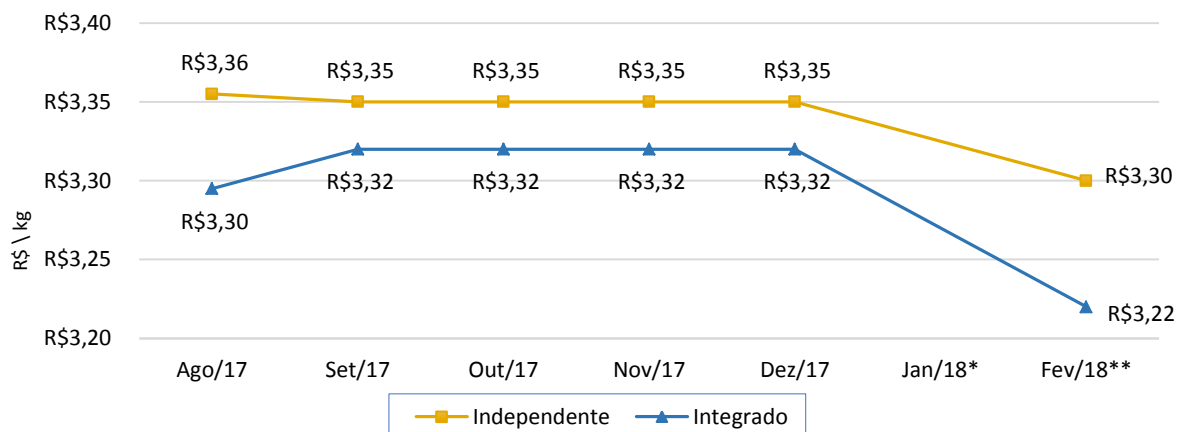
\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 9/fev./2018.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

### Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2017/2018

Quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em fevereiro de 2017, percebe-se uma queda bem mais significativa: -29,22% em São Paulo, -24,78% em Minas Gerais, -22,45% no Paraná, -17,18% no Rio Grande do Sul e -13,39% em Santa Catarina. Por óbvio, há que se lembrar que o mês de fevereiro de 2017 antecedeu a deflagração da Operação Carne Fraca e registrou os maiores preços médios daquele ano. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,86%, de acordo com o IPCA/IBGE.

Mesmo Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, onde os preços vinham se mantendo estáveis ao longo de todo o segundo semestre de 2017, registra oscilações no início deste ano. No caso dos independentes, o preço atual é 1,49% menor que o praticado em dezembro, enquanto para os independentes a queda é de 3,01%.



\* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

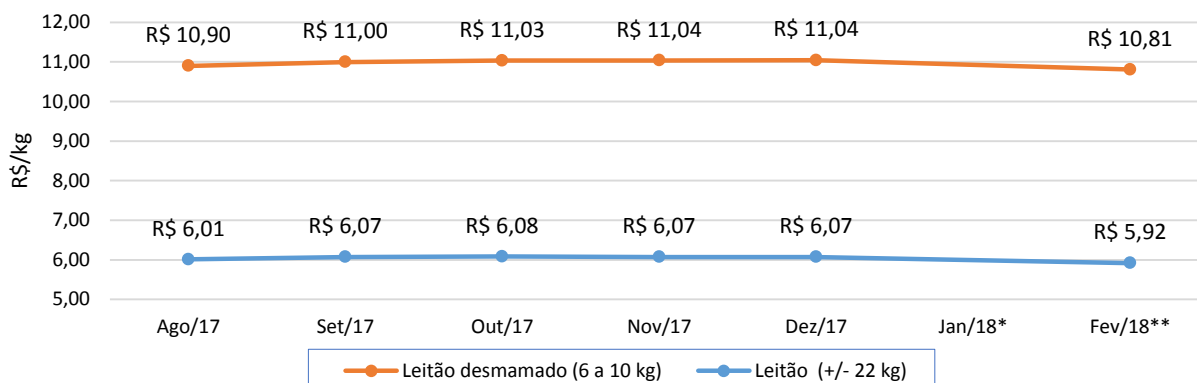
\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 9/fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2017/2018**

Em outras praças de coleta de preços do estado a variação é ainda mais significativa. É o caso de Joaçaba, onde o preço médio preliminar do suíno vivo atingiu R\$3,22/kg para o produtor integrado e R\$3,04 para o independente, o que representa queda de 4,37% e 13,67% em relação a dezembro, respectivamente.

Da mesma forma que o mercado do suíno vivo, os preços dos leitões também têm sido afetados pelas dificuldades que o setor enfrenta. De acordo com os dados preliminares de fevereiro, ambas as categorias de leitões registram quedas na comparação com dezembro do ano passado: -2,13% para os leitões de 6 a 10kg e -2,52% para leitões com +/-22kg.



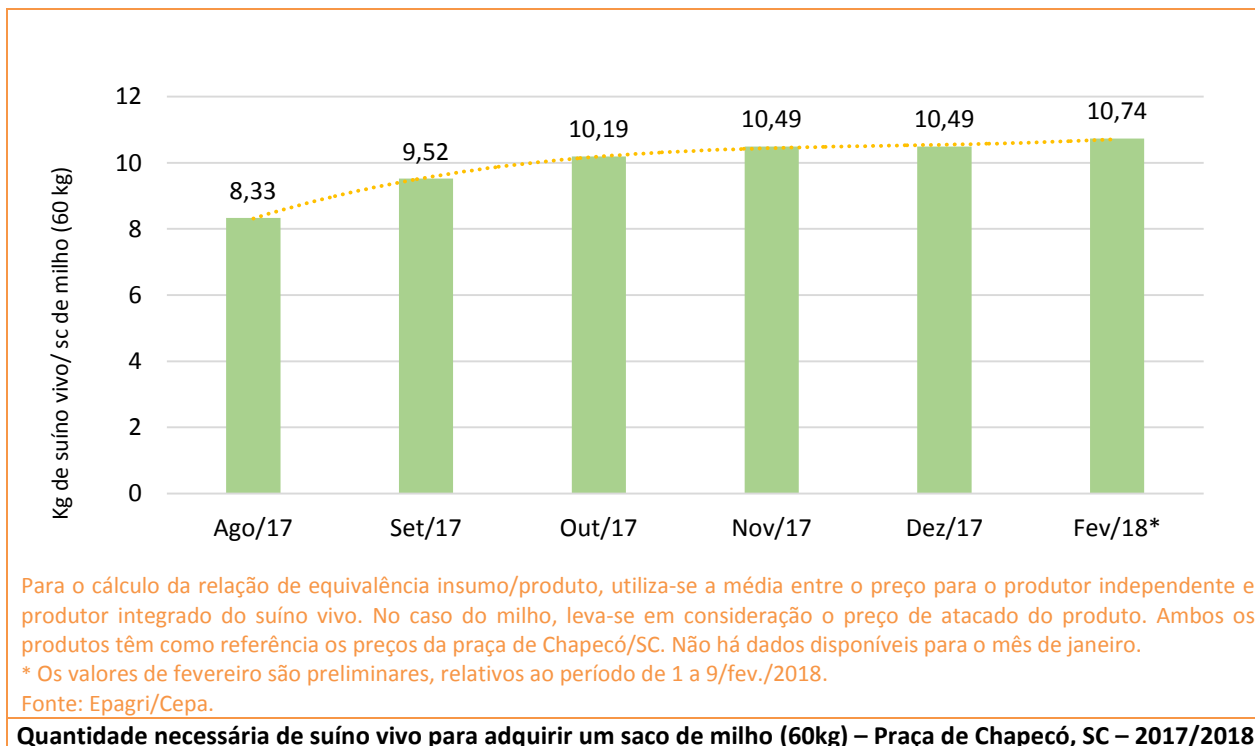
\* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

\*\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 9/fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017/2018**

A situação do setor fez com que a relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, tivesse alta em fevereiro na comparação com dezembro, variando 2,30%. Essa alta só não é maior porque o preço do milho se manteve estável, encontrando-se atualmente cotado a R\$35,00/saca de 60kg no atacado em Chapecó (mesmo preço de dezembro).



Em relação a fevereiro do ano anterior, o atual preço do milho é 0,62% menor. Já em comparação com o mesmo mês de 2016, a diferença é mais significativa: -16,67%. Embora nesse aspecto a situação dos produtores de suínos seja um pouco mais favorável que nos dois anos anteriores, há bastante preocupação com possíveis elevações no preço do grão nos próximos meses. Segundo o 5º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, a perspectiva é de redução na produção de milho na atual safra em relação à anterior: -18,77% na 1ª safra, -5,58% na 2ª safra e -9,69% no total do ciclo. Ressalte-se que até dezembro a previsão da Conab para a 2ª safra era mais otimista, estimando-se uma queda total pouco superior a 5%.

Da mesma forma, em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo estimativas da Epagri/Cepa para o mês de fevereiro, a 1ª safra deve ser de 2,5 milhões de toneladas, queda de 20,64% em relação ao ano anterior.

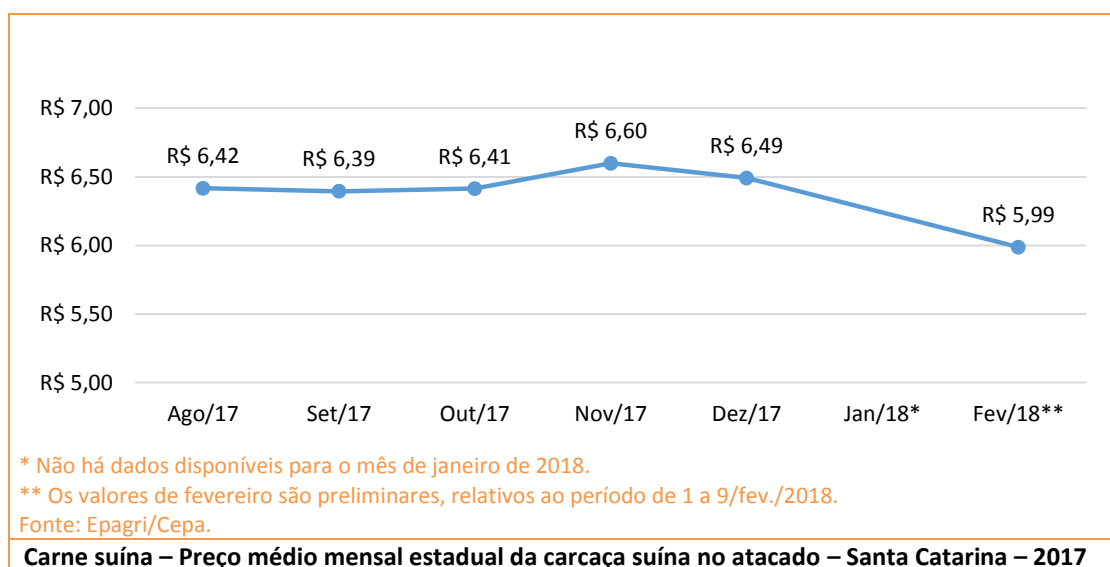
À possibilidade de aumento no preço do milho, some-se a inquietação dos produtores quanto à reabertura do mercado russo. Caso isso não ocorra em breve, tem-se preocupação quanto a um possível excesso de produto no mercado interno, o que poderia derrubar ainda mais os preços. Não obstante algumas avaliações mais otimistas em relação à reabertura e aos impactos da suspensão, a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS) aponta como preocupante a eventual continuidade dessa medida e avalia que isso pode pressionar a agroindústria a reduzir os preços do produto no mercado interno neste ano.

No mercado atacadista já são registradas quedas consideráveis, conforme é possível perceber a partir do levantamento semanal realizado pela Epagri/Cepa. Dos cinco cortes acompanhados, quatro registraram quedas nos preços preliminares de fevereiro (média estadual) em relação a dezembro: carcaça (-7,66%), pernil (-6,06%), carré (-5,33%) e costela (-1,77%). Somente o lombo apresentou alta no período (2,10%).

<b>Carne suína – Preços médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017/2018</b>			
<b>Produto</b>	<b>(R\$)</b>		
	<b>Novembro/17</b>	<b>Dezembro/17</b>	<b>Fevereiro/18*</b>
Carré (sem couro)	8,50	8,49	8,04
Costela (sem couro)	12,35	12,45	12,23
Lombo	11,92	11,30	11,54
Carcaça	6,60	6,49	5,99
Pernil (com osso e sem couro)	7,38	7,526	7,10

\* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 9/fev./2018.  
Fonte: Epagri/Cepa.

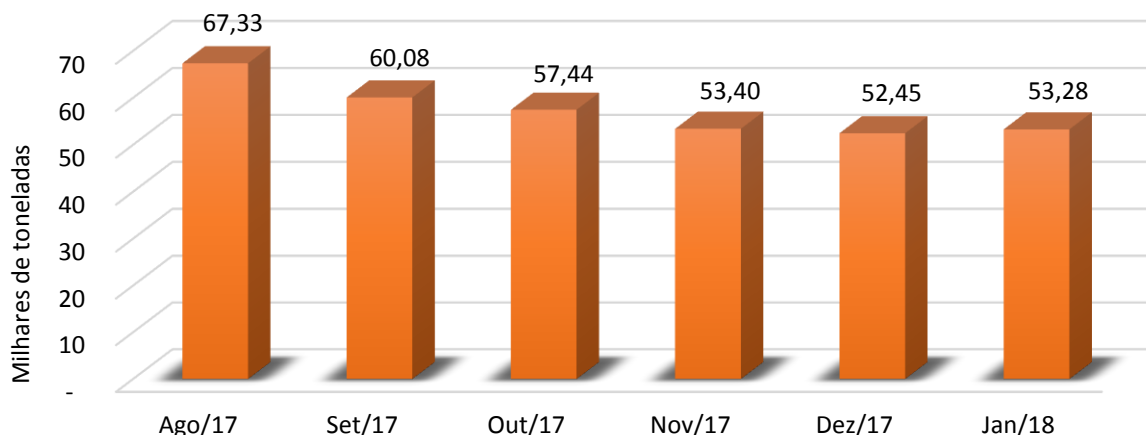
O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína a partir de agosto de 2017. Como é possível perceber, aparentemente se esboçava uma reação no preço a partir de outubro, processo interrompido a partir de dezembro.



**Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017**

De acordo com informações do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), a carcaça suína registrou queda de 8,8% no atacado da Grande São Paulo em janeiro. Situação semelhante foi registrada para outros cortes. Segundo a instituição, as quedas seriam em decorrência da menor demanda, que persiste desde dezembro, e também do ritmo lento de embarques neste início de ano.

Apesar do cenário futuro incerto, em janeiro as exportações brasileiras de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) apresentaram resultado positivo em termos quantitativos, conforme apontam os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Foram embarcadas 53,28 mil toneladas, aumento de 1,58% em relação ao mês anterior. Por outro lado, na comparação com janeiro de 2017 o resultado é fortemente negativo: -15,81%.



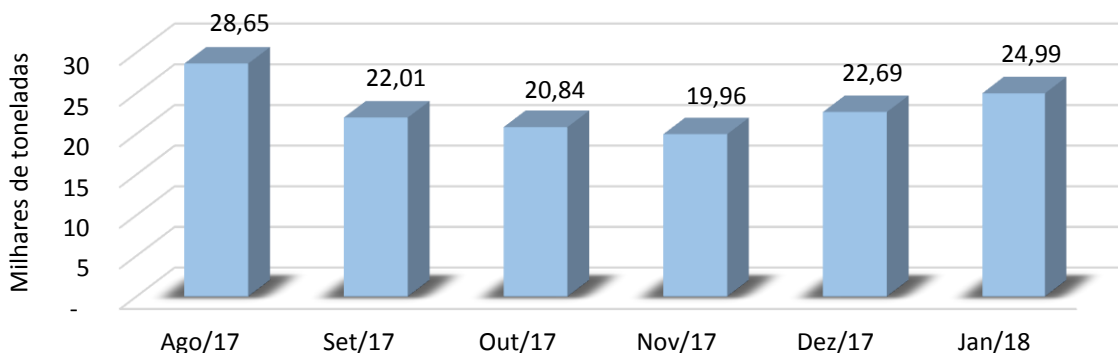
Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Exportações de carne suína – Brasil – 2017/2018**

Apesar do aumento na quantidade, as receitas apresentaram queda em janeiro. Foram exportados US\$110,19 milhões em carne suína, 5,07% a menos que o mês anterior e 20,10% abaixo das receitas de janeiro de 2017.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira no mês passado foram Hong Kong, China, Argentina, Uruguai e Cingapura, que juntos responderam por 80,40% das receitas com esse produto. O aumento nas exportações para a China minimizou os impactos da suspensão russa. Em janeiro, foram embarcadas 13,56 mil toneladas para a China, gerando US\$28,93 milhões em receitas. Esses montantes representam um aumento de 130,64% em valor e 122,17% em quantidade, em comparação com o mesmo mês de 2017.

Assim como já havia acontecido em dezembro, em janeiro as exportações catarinenses de carne suína apresentaram elevação em relação ao mês anterior: foram embarcadas 24,99 mil toneladas, aumento de 10,16%. Esse é o segundo maior volume mensal exportado nos últimos seis meses. Na comparação com janeiro de 2017, no entanto, o resultado é negativo: -1,71%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017/2018**

As receitas de janeiro (US\$51,28 milhões) foram 4,19% maiores que no mês anterior. Contudo, em relação a janeiro de 2017, registra-se queda de -6,68%.



Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em janeiro foram China, Hong Kong, Chile, Argentina e Cingapura, que responderam por 80,64% das receitas. Assim como aconteceu com as exportações totais de carne suína do país, o aumento dos embarques para a China minimizou o impacto da restrição do mercado russo. Em relação a janeiro de 2017, os embarques para a China aumentaram 71,91% em valor e 69,62% em quantidade. Em relação a dezembro os números são ainda mais expressivos: aumento de 118,27% em valor e 110,50% em quantidade.

<b>Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Janeiro de 2018</b>		
<b>País</b>	<b>Valor (US\$)</b>	<b>Quantidade (t)</b>
China	20.040.169,00	9.757
Hong Kong	10.267.707,00	5.020
Chile	4.916.546,00	2.237
Argentina	4.233.136,00	1.516
Cingapura	1.890.514,00	853
Demais países	9.929.047,00	5.612
<b>Total</b>	<b>51.277.119,00</b>	<b>24.995</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

De acordo com relatório divulgado pelo Rabobank no final de janeiro, as vendas de carne suína brasileira para a China podem crescer 20% em 2018, diante do aumento da oferta e competitividade do produto brasileiro. O Rabobank afirma, ainda, que as importações totais de carne suína pela China devem aumentar cerca de 6% neste ano, após queda significativa em 2017, quando os chineses contavam com elevados estoques de carnes congeladas e os preços internacionais estavam altos.

De forma geral, o mercado brasileiro segue aguardando definições quanto a uma eventual reabertura do mercado russo, bem como na expectativa de que os embarques de carne suína sejam impulsionados neste ano pelas vendas para a Coreia do Sul.



## Pecuária

### Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

Recentemente, o Cepea divulgou os dados sobre a captação de leite pelas indústrias, relativos ao mês de dezembro de 2017, o que permite conhecer os dados de todo o ano anterior. Segundo os levantamentos do Cepea, 2017 foi o ano de maior captação de leite da história nos sete estados pesquisados, o que pode ser extrapolado para o Brasil sem muita margem para erro, já que esses estados representam cerca de 85% da produção nacional. Comparativamente a 2016, o volume de leite captado pelas indústrias aumentou 7,9%.

<b>Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea<sup>3</sup>) - Brasil – 2016-17</b>			
Mês	Índice		Variação % 2016-17
	2016	2017	
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Mai	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23	181,65	14,8
Julho	166,19	189,67	14,1
Agosto	176,49	199,01	12,8
Setembro	187,50	207,18	10,5
Outubro	187,65	203,53	8,5
Novembro	188,73	206,23	9,3
Dezembro	188,54	206,71	9,6
<b>Total</b>	<b>2.094,92</b>	<b>2.261,08</b>	<b>7,9</b>

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

Dentro de algum tempo, também o IBGE deverá fechar os dados relativos à quantidade de leite cru adquirido no último trimestre pelas indústrias inspecionadas. Consequentemente, também se saberá desta fonte a quantidade total de leite produzido em 2017 no Brasil. Conforme destacado no Boletim Agropecuário anterior, os dados mensais do IBGE disponíveis até o mês de setembro vinham sendo sensivelmente diferentes dos do Cepea, o que não deve ter mudado no último trimestre.

Disso se conclui que, entra ano sai ano, permanece um quadro de imprecisão sobre a produção leiteira nacional, em diferentes aspectos: total produzido, total comercializado, sazonalidade da produção, participação das bacias leiteiras/dos estados na produção, entre tantas outras informações que deveriam estar corriqueiramente disponíveis para os setores público e privado, sobretudo àqueles agentes diretamente envolvidos com esta cadeia produtiva.

<sup>3</sup> O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra. A pesquisa abrange os estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação.

Embora as condições para corrigir isso sejam relativamente banais (interesse e predisposição para cooperação entre algumas organizações públicas resolveriam boa parte das atuais limitações), fica a expectativa da finalização e divulgação dos dados do Censo Agropecuário em andamento, que deve apresentar uma atividade leiteira substancialmente diferente daquela do Censo Agropecuário 2006.

Não é difícil projetar, por exemplo, que, em relação ao anterior, o novo censo mostrará: substancial redução do número de produtores de leite; maior proximidade entre a produção total e a produção comercializada; redução do consumo/beneficiamento de leite nos estabelecimentos agropecuários; ampliação da produção em sistemas de confinamento; alterações na estrutura do rebanho leiteiro; menor dispersão regional da produção, entre outros.

No que diz respeito ao total de leite produzido e a distribuição regional da produção, os dados do novo censo devem mostrar, também, as limitações dos atuais dados da Pesquisa Pecuária Municipal, como já ocorreu em 2006. O Censo Agropecuário de 2006 levantou uma produção leiteira nacional bem inferior à apontada pela Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), e, em alguns estados, a diferença relativa era ainda mais significativa do que a observada para o país. Em apenas cinco estados, todos de baixa participação na produção nacional, a produção levantada pelo Censo superava a da PPM.

<b>Leite - Comparativo da produção do Censo Agropecuário e da PPM - 2006</b>				
<b>Estado</b>	<b>Milhão de litros</b>		<b>Diferença PPM/Censo</b>	
	<b>Censo Agropecuário</b>	<b>PPM</b>	<b>Milhão de litros</b>	<b>%</b>
MG	5.720,4	7.094,1	1.373,7	24,0
RS	2.458,0	2.625,1	167,2	6,8
GO	2.088,2	2.613,6	525,4	25,2
PR	1.828,6	2.703,6	875,0	47,9
SC	1.396,2	1.709,8	313,6	22,5
SP	1.270,6	1.744,0	473,4	37,3
BA	786,9	905,8	118,9	15,1
Total das 7 Ufs	15.548,9	19.396,0	3.847,1	24,7
Outras UFS	5.018,6	6.002,2	983,6	19,6
<b>Total do Brasil</b>	<b>20.567,5</b>	<b>25.398,2</b>	<b>4.830,7</b>	<b>23,5</b>

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário e Pesquisa Pecuária Municipal (PPM).

Essa limitação acerca da consistência dos atuais dados da atividade leiteira brasileira, é reforçada pela comparação entre os dados anuais da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) e da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL). Embora a PPM trate da produção total de leite e a segunda apenas da quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas, não existe explicação para diferenças sensíveis na variação anual dos dados, como se observa em muitos anos.

É difícil de explicar, também, o tamanho da diferença entre a produção total e a produção comercializada para as indústrias. Mesmo considerando o consumo animal, consumo humano de leite e produtos transformados nos estabelecimentos agropecuários, comercialização clandestina de leite e produtos transformados, perdas, etc., é relativamente fácil concluir que é um exagero que, de uma produção total de 33 a 34 bilhões de litros, cerca de 10,5 bilhões de litros não seja comercializada formalmente. É evidente que existem problemas com esses números. Provavelmente, porque a quantidade de leite recebida pelas indústrias é maior do que a que vem sendo registrada pela Pesquisa Trimestral do Leite, mas, principalmente, porque a produção total está superestimada. O que está respaldado no fato de que na maioria dos municípios/estados a série histórica da Pesquisa Trimestral do Leite seguiu sendo feita sem levar em conta os resultados do Censo de 2006.

**Leite - Produção total e recebida pelas indústrias inspecionadas - BR - 2006-16**

Ano	Milhão de litros		Dif. (PPM-PTL)	Var. anual (%)	
	PPM	PTL	Milhão de litros	PPM	PTL
2006	25.398,2	16.669,7	8.728,5	-	-
2007	26.137,3	17.888,6	8.248,6	2,91	7,31
2008	27.585,3	19.285,1	8.300,3	5,54	7,81
2009	29.085,5	19.601,7	9.483,8	5,44	1,64
2010	30.715,5	20.975,5	9.740,0	5,6	7,01
2011	32.096,2	21.795,0	10.301,2	4,5	3,91
2012	32.304,4	22.338,3	9.966,1	0,65	2,49
2013	34.255,2	23.552,8	10.702,4	6,04	5,44
2014	35.124,4	24.747,0	10.377,3	2,54	5,07
2015	34.609,6	24.062,3	10.547,3	-1,47	-2,77
2016	33.624,7	23.169,7	10.455,0	-2,85	-3,71

Fonte: IBGE: Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) e Pesquisa Trimestral do Leite (PTL).

Com o novo censo, se terá um retrato mais atualizado da atividade leiteira nacional e a oportunidade de se formar uma nova base para melhorar a qualidade dessas pesquisas sistemáticas sobre a produção leiteira nacional, seja as do IBGE (PPM e PTL) ou de outras instituições públicas e privadas.

No que diz respeito a preços aos produtores, particularmente à expectativa de que saiam dos baixos patamares atuais, a última reunião do Conseleite/SC foi pouco animadora. Depois de uma sinalização de recuperação de preços ao final de 2017, alguns produtos lácteos tiveram redução de preços no mercado atacadista, repercutindo negativamente sobre o preço de referência projetado para o mês de janeiro, que serve de parâmetro para os preços que estão sendo pagos pelas indústrias aos produtores neste mês de fevereiro.

**Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-18**

Mês	R\$/litro na propriedade - com Funrural incluso			
	2015	2016	2017	2018
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9552
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	
Março	0,8614	1,0652	1,1412	
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	
Mai	0,8875	1,1430	1,1733	
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788	
<b>Média</b>	<b>0,8866</b>	<b>1,1408</b>	<b>1,0634</b>	

Janeiro/2018: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.